

Árvores de São Roque

Catálogo das espécies da área urbana central do município



ÁRVORES DE SÃO ROQUE

CATÁLOGO DAS ESPÉCIES DA ÁREA URBANA CENTRAL DO MUNICÍPIO

Organização:

Fernando Santiago dos Santos

Fotografias e identificação botânica:

Erik André de Oliveira

Cristiane Zamperin Escanhoela

Stephane Matias Valadão



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus São Roque
Licenciatura em Ciências Biológicas

ÁRVORES DE SÃO ROQUE

CATÁLOGO DAS ESPÉCIES DA ÁREA URBANA CENTRAL DO MUNICÍPIO

Organização:

Fernando Santiago dos Santos

Fotografias e identificação botânica:

Erik André de Oliveira

Cristiane Zamperin Escanhoela

Stephane Matias Valadão

São Roque, janeiro de 2015

© 2015 Fernando Santiago dos Santos

© 2014 Erik André de Oliveira, Cristiane Zamperin Escanhoela e Stephane Matias Valadão

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

E-book publicado gratuitamente. Formato A4, em orientação Paisagem.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *campus* São Roque

Licenciatura em Ciências Biológicas

Rodovia Prefeito Quintino de Lima, 2.100

Paisagem Colonial, São Roque - SP

18136-540

Organização:

Fernando Santiago dos Santos

Fotografias e identificação botânica:

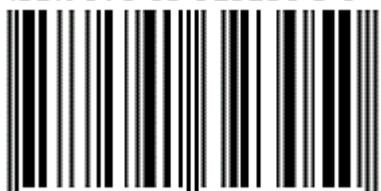
Erik André de Oliveira

Cristiane Zamperin Escanhoela

Stephane Matias Valadão

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-913230-5-0



9 788591 323050

SANTOS, Fernando Santiago dos (Org.).

Árvores de São Roque: catálogo das espécies da área urbana central do município (fotografias e identificação botânica: OLIVEIRA, Erik André de; ESCANHOELA, Cristiane Zamperin; VALADÃO, Stephane Matias). São Roque, SP: Edição do Autor, 2015.

114 p., il., fot.

ISBN 978-85-913230-5-0

I. Título II. Árvores III. Guia fotográfico IV. Botânica





Apresentação

O que se denomina **arborização urbana** representa um conjunto de áreas públicas com vegetação arbustivo-arbórea plantada propositalmente ou em estado natural. Este conjunto inclui as espécies vegetais das vias públicas, das áreas de recreação e ornamentação (parques, praças etc.) e demais áreas verdes (MILANO *apud* ALMEIDA, 2010).

Muitos são os benefícios, para a população, oriundos da **arborização urbana**: redução de ruídos e poluição atmosférica, melhoria no microclima e abrigo da fauna, aprimoramento da estética da cidade, i.e., beleza paisagística (SILVA *et al.*, 2002; PAIVA; GONÇALVES, 2002; GONÇALVES; PAIVA, 2004).

A **arborização urbana** deve priorizar espécies nativas (autóctones), principalmente pelo seu valor sociocultural e patrimônio genético. Essas espécies são mais rústicas, menos exigentes de cuidados e, conseqüentemente, menos dispendiosas. Entretanto, é comum, nas cidades brasileiras, o hábito de plantar espécies exóticas (alóctones) no meio urbano, frequentemente sem prévio conhecimento. Muitas vezes, nota-se que há falta de opção em planejamento da cobertura vegetal urbana e, até, imitação de uma cidade para outra (ALMEIDA, 2010; SILVA *et al.*, 2002).

É de extrema importância que as plantas exóticas invasoras sejam substituídas por espécies preferencialmente nativas da região fitoecológica local na arborização de vias públicas. Estas devem, portanto, ser priorizadas nos planejamentos de manejo da arborização (BLUM *et al.*, 2008).

O presente trabalho traz ao leitor um **guia fotográfico** com as espécies arbustivo-arbóreas (tanto autóctones quanto alóctones) catalogadas na região pericentral do município da Estância Turística de São Roque, SP.

O projeto do guia surgiu como resultado de um trabalho de iniciação científica institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São Roque, realizado por Erik André de Oliveira (EAO). Participaram do trabalho, como voluntárias, Cristiane Zamperin Escanhoela (CZE) e Stephane Matias Valadão (SMV). Além do registro fotográfico, feito majoritariamente por EAO, foram registradas coordenadas geográficas dos indivíduos amostrados com uso de aparelho de GPS (principalmente por CZE). SMV realizou a organização dos dados em planilha eletrônica Excel® e no programa Microsoft Publisher®.

Este guia pode ser acessado no sítio eletrônico <http://www.fernandosantiago.com.br/guiaarvoressr.htm>, e contatos podem ser feitos em fernandosrq@gmail.com (e-mail do organizador da obra).



Área de estudos e métodos

São Roque (23°31' S; 47°08' W) é um município turístico do estado de São Paulo com aproximadamente 84 mil habitantes (Fig. 1). Sua altitude média é de 771 metros e sua área territorial é de 306,908 km² (IBGE, 2014), distando cerca de 60 km da cidade de São Paulo.



Figura 1. Localização de São Roque, SP (Fonte: GoogleMaps®, 2014).

A vegetação nativa original de São Roque era composta principalmente por Mata Atlântica, floresta do tipo latifoliada tropical densa e exuberante, constituída por árvores altas e copas desenvolvidas e por arbustos com bastantes galhos e folhas. A região central de São Roque perdeu parte de suas áreas verdes para a urbanização. Pequenas áreas, como a Mata da Câmara, guardam uma amostra da antiga floresta tropical de planalto que predominava no passado (GUEDES, 2005).

A região pericentral do município possui áreas sem qualquer cobertura vegetal, predominando apenas o asfalto e a cobertura de cimento e concreto, mescladas a locais em que ainda se observam inúmeros indivíduos arbóreos. Desta forma, pode-se afirmar que a região central de São Roque não possui homogeneidade paisagística, constituindo-se em um mosaico de vegetação com inúmeras discontinuidades.

Para realizar este trabalho, foi necessário um mapeamento georreferenciado delimitando a área central da Estância Turística de São Roque utilizando o programa GoogleMaps® (BARROS *et al.*, 2010). A área delimitada (Fig. 2) compreende 1,48 km². O cálculo da área delimitada foi realizado por meio do programa Google Maps Area Calculator Tool®.

Os resultados constantes deste guia fotográfico abrangem diversas vias públicas da região pericentral da área de estudo, assim como duas grandes praças e outras áreas contíguas a parques.

A coleta dos dados foi feita por meio de caminhada nas



Resultados

Foram catalogados 2.056 indivíduos, distribuídos em 28 famílias botânicas e 69 espécies (Quadro 1). Desse total, 1.907 indivíduos foram identificados, sendo 1.374 (72%) alóctones e 533 (28%) autóctones (Fig. 3).

Foi observado que as cinco espécies mais plantadas são de origem alóctone, encontradas nas seguintes quantidades: *Dyopsis decaryi* (202 indivíduos), *Platanus occidentalis* (165 indivíduos), *Bauhinia variegata* (136 indivíduos), *Phoenix canariensis* (114 indivíduos) e *Ficus benjamina* (105 indivíduos). Essas espécies correspondem a 38% (n=722) do total de indivíduos plantados na área de estudo.

A partir dos dados coletados, pode-se observar a predominância de árvores exóticas utilizadas na arborização urbana central de São Roque, SP. Uma das principais bases de lucro do município investigado é o turismo. Portanto, cremos que um dos principais motivos para o plantio de espécies alóctones é para objetivar semelhanças com cidades europeias (assim como ocorre em Campus do Jordão, SP), fato este verificado, por exemplo, pela grande quantidade de plátano (árvore europeia) na área central. Tal ocorrência é preocupante, pois segundo o Ministério do Meio Ambiente (2014), espécies exóticas possuem a capacidade de excluir espécies ativas, diretamente ou pela competição por recursos, podendo acarretar prejuízos à economia, à biodiversidade e aos ecossistemas naturais. É necessária uma mobilização por parte da comunidade científica de São Roque com o objetivo de conscientizar o poder público competente e a população local no que se refere aos problemas de se plantar espécies

alóctones (exóticas) e as vantagens do plantio de espécies autóctones (nativas), pelo seu valor sociocultural, patrimônio genético e ambiental.

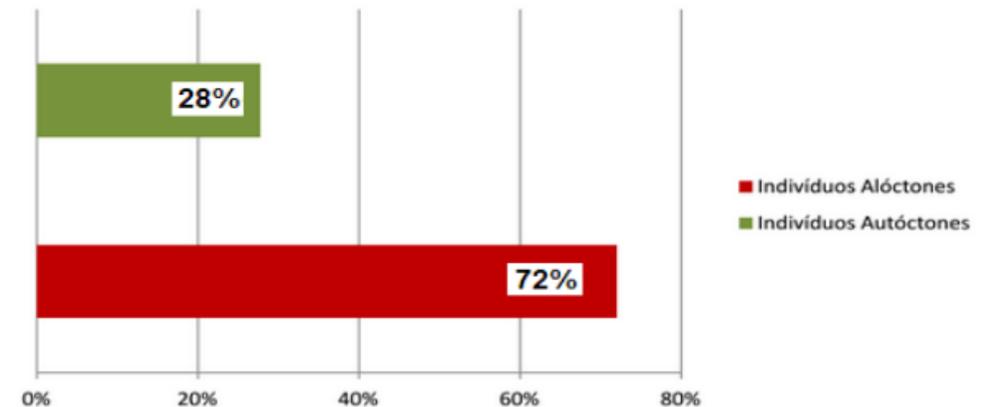


Figura 3. Relação entre indivíduos nativos e exóticos presentes na área de estudo.

O **Guia Fotográfico** traz as espécies amostradas em suas famílias botânicas, nomes populares e nomes científicos.

Quadro 1. Famílias botânicas e espécies catalogadas na área pericentral da região urbana de São Roque, SP. Foi considerado apenas um dos nomes populares possíveis para as espécies por razões de espaço disponível no quadro.

| FAMÍLIA BOTÂNICA | ESPÉCIE | NOME POPULAR |
|------------------|---|------------------------|
| Anacardiaceae | <i>Mangifera indica</i> L. | Mangueira |
| | <i>Schinus molle</i> L. | Aroeira salsa |
| | <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi | Aroeira pimenta |
| | <i>Spondias</i> L. | Seriguela |
| Apocynaceae | <i>Nerium oleander</i> L. | Espirradeira |
| | <i>Plumeria alba</i> L. | Jasmim manga |
| Araliaceae | <i>Schefflera arboricola</i> (Hayata) Kanehira | Xeflera |
| Araucariaceae | <i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze | Araucária |
| Arecaceae | <i>Chrysalidocarpus lutescens</i> H. Wendl. | Areca bambu |
| | <i>Dypsis decaryi</i> (Jum.) Beentje & J. Dransf. | Palmeira triângulo |
| | <i>Phoenix canariensis</i> Hort. ex Chabaud | Tamareira das Canárias |
| | <i>Rhapis excelsa</i> (Thunb.) A. Henry | Ráfia |
| | <i>Sabal palmetto</i> Lodd. ex Schult. | Palmeira rabo-de-peixe |
| Bignoniaceae | <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman | Jerivá |
| | <i>Jacaranda mimosaefolia</i> Don | Jacarandá mimoso |
| | <i>Spathodea campanulata</i> Buch.-Ham. ex D.C. | Bisnagueira |
| | <i>Tabebuia alba</i> (Cham). Sandwith | Ipê amarelo |
| Bombacaceae | <i>Tecoma stans</i> (L.) Kunth. | Ipezinho de jardim |
| | <i>Ceiba</i> sp Mill. | Paineira |
| Combretaceae | <i>Chorisia glaziovii</i> (Kuntze) E. Santos | Barriguda |
| Cupressaceae | <i>Terminalia catappa</i> L. | Sete copas |
| | <i>Chamaecyparis obtusa</i> Siebold & Zucc. | Cedro japonês |
| | <i>Cupressus</i> sp L. | Pinheirinho de cerca |
| Ericaceae | <i>Cupressus lusitanica</i> Carrière | Cipreste português |
| | <i>Rhododendron indicum</i> Sweet | Azaleia |

Quadro 1 (continuação).

| FAMÍLIA BOTÂNICA | ESPÉCIE | NOME POPULAR |
|--|--|----------------------|
| Fabaceae | <i>Bauhinia variegata</i> L. | Pata de vaca |
| | <i>Caesalpinia echinata</i> Lam. | Pau-brasil |
| | <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul. | Pau-ferro |
| | <i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth. | Sibipiruna |
| | <i>Caesalpinia pulcherrima</i> (L.) Sw. | Flor de pavão |
| | <i>Calliandra</i> sp Benth | Caliandra rosa |
| | <i>Cassia fistula</i> L. | Chuva de ouro |
| | <i>Copaifera</i> sp L. | Copaíba |
| | <i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook) Raf | Flamboiã |
| | <i>Inga</i> sp Mill. | Ingá |
| | <i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit | Leucena |
| | <i>Lonchocarpus</i> sp Kunth | Embira de sapo |
| <i>Machaerium</i> sp Pers. | Jacarandá de espinho | |
| <i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) S. F. Blake | Guapuruvu | |
| <i>Tipuana tipu</i> (Benth.) Kuntze | Tipuana | |
| Lauraceae | <i>Ocotea</i> sp Aubl. | Canela |
| Lythraceae | <i>Lagoerstromia indica</i> (L.) Pers. | Resedá |
| Magnoliaceae | <i>Michelia champaca</i> L. | Magnólia amarela |
| Malvaceae | <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. | Hibisco |
| Melastomataceae | <i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn. | Manacá da serra anão |
| | <i>Tibouchina granulosa</i> Cogn. ex Britton | Quaresmeira roxa |
| Meliaceae | <i>Cedrela odorata</i> L. | Cedro cheiroso |
| | <i>Toona ciliata</i> M. Roem. | Cedro australiano |
| Moraceae | <i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. | Jaqueira |
| | <i>Ficus benjamina</i> L. | Figueira benjamina |
| | <i>Ficus guaranitica</i> Chodat | Figueira branca |
| | <i>Morus nigra</i> L. | Amoreira preta |

Quadro 1 (continuação).

| FAMÍLIA BOTÂNICA | ESPÉCIE | NOME POPULAR |
|------------------|---|-------------------|
| Myrtaceae | <i>Callistemon viminalis</i> Cheel. | Escova de garrafa |
| | <i>Eugenia aquea</i> Brum. F. | Jambeiro branco |
| | <i>Eugenia uniflora</i> L. | Pitangueira |
| | <i>Psidium cattleianum</i> Sabine | Araçá do campo |
| | <i>Psidium guajava</i> L. | Goiabeira |
| Nyctaginaceae | <i>Bougainvillea glabra</i> Choisy | Primavera |
| Pandanaceae | <i>Pandanus veitchii</i> Hort. | Vacúá |
| Pinaceae | <i>Picea sitchensis</i> (Bong.) Carrière | Espruce europeu |
| | <i>Pinus elliottii</i> Engelm. | Pinheiro comum |
| Platanaceae | <i>Platanus occidentalis</i> Hook, & Arn | Plátano |
| Proteaceae | <i>Grevillea robusta</i> A. Cunn ex R. Br. | Grevílea |
| Punicaceae | <i>Punica granatum</i> L. | Romãzeira |
| Rosaceae | <i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl | Nespereira |
| | <i>Prunus cerasus</i> Scop. | Cerejeira |
| Ruscaceae | <i>Cordyline</i> sp Comm. ex R. Br. | Fiteira |
| | <i>Cordyline australis</i> Hook. F. | Coqueiro de Vênus |
| Solanaceae | <i>Brugmansia suaveolens</i> (Willd.) Bercht & J. Presl | Trombeteira |



Lista de famílias botânicas e espécies

| | | | | |
|--|--|---|--|---|
| <p>ANACARDIACEAE 16</p> <p>Mangueira Aroeira salsa Aroeira pimenta Seriguela</p> | <p>ARAUCARIACEAE 21</p> <p>Pinheiro do Paraná</p> | <p>MORACEAE 23</p> <p>Jaqueira Figueira benjamina Figueira branca Amoreira preta</p> | <p>FABACEAE 28</p> <p>Pata de vaca Pau-brasil Pau-ferro Sibipiruna Flamboiãzinho Caliandra rosa Chuva-de-ouro Copaíba Flamboiã Ingá Leucena Guapuruvu Tipa branca Embira de sapo Sapuvinha</p> | <p>ARECACEAE 57</p> <p>Areca bambu Palmeira-triângulo Tamareira das Canárias Palmeira rápis Palmeira jerivá Sabal</p> |
| <p>NYCTAGINACEAE 44</p> <p>Primavera</p> | <p>SOLANACEAE 46</p> <p>Trombeteira</p> | <p>MYRTACEAE 48</p> <p>Escova-de-garrafa Pitangueira Araçá do campo Goiabeira Jambeiro branco</p> | <p>MELIACEAE 54</p> <p>Cedro-cheiroso Cedro australiano</p> | <p>BOMBACACEAE 64</p> <p>Barriguda Paineira</p> |
| <p>CUPRESSACEAE 67</p> <p>Cedro japonês Pinheirinho de cerca Cipreste mediterrâneo</p> | <p>RUSCACEAE 71</p> <p>Coqueiro de Vênus Fiteira</p> | <p>ROSACEAE 74</p> <p>Nespereira Cerejeira</p> | <p>PINACEAE 94</p> <p>Espruce europeu Pinheiro comum</p> | <p>APOCYNACEAE 99</p> <p>Jasmim manga Espirradeira</p> |
| <p>PROTEACEAE 77</p> <p>Grevílea</p> | <p>MALVACEAE 79</p> <p>Hibisco</p> | <p>LYTHRACEAE 86</p> <p>Resedá</p> | <p>MAGNOLIACEAE 88</p> <p>Magnólia amarela</p> | <p>LAURACEAE 90</p> <p>Canela</p> |
| <p>PANDANACEAE 92</p> <p>Vacuá</p> | <p>PLATANACEAE 97</p> <p>Plátano</p> | <p>PUNICACEAE 102</p> <p>Romãzeira</p> | <p>ERICACEAE 104</p> <p>Azaleia</p> | <p>ARALIACEAE 106</p> <p>Xeflera</p> |

| | |
|------------------|----|
| BIGNONIACEAE | 81 |
| Jacarandá mimoso | |
| Bisnagueira | |
| Ipê amarelo | |
| Ipê de jardim | |

| | |
|--------------|-----|
| COMBRETACEAE | 108 |
| Sete copas | |

| | |
|----------------------|-----|
| MELASTOMATACEAE | 110 |
| Quaresmeira roxa | |
| Manacá da serra anão | |

Família
ANACARDIACEAE

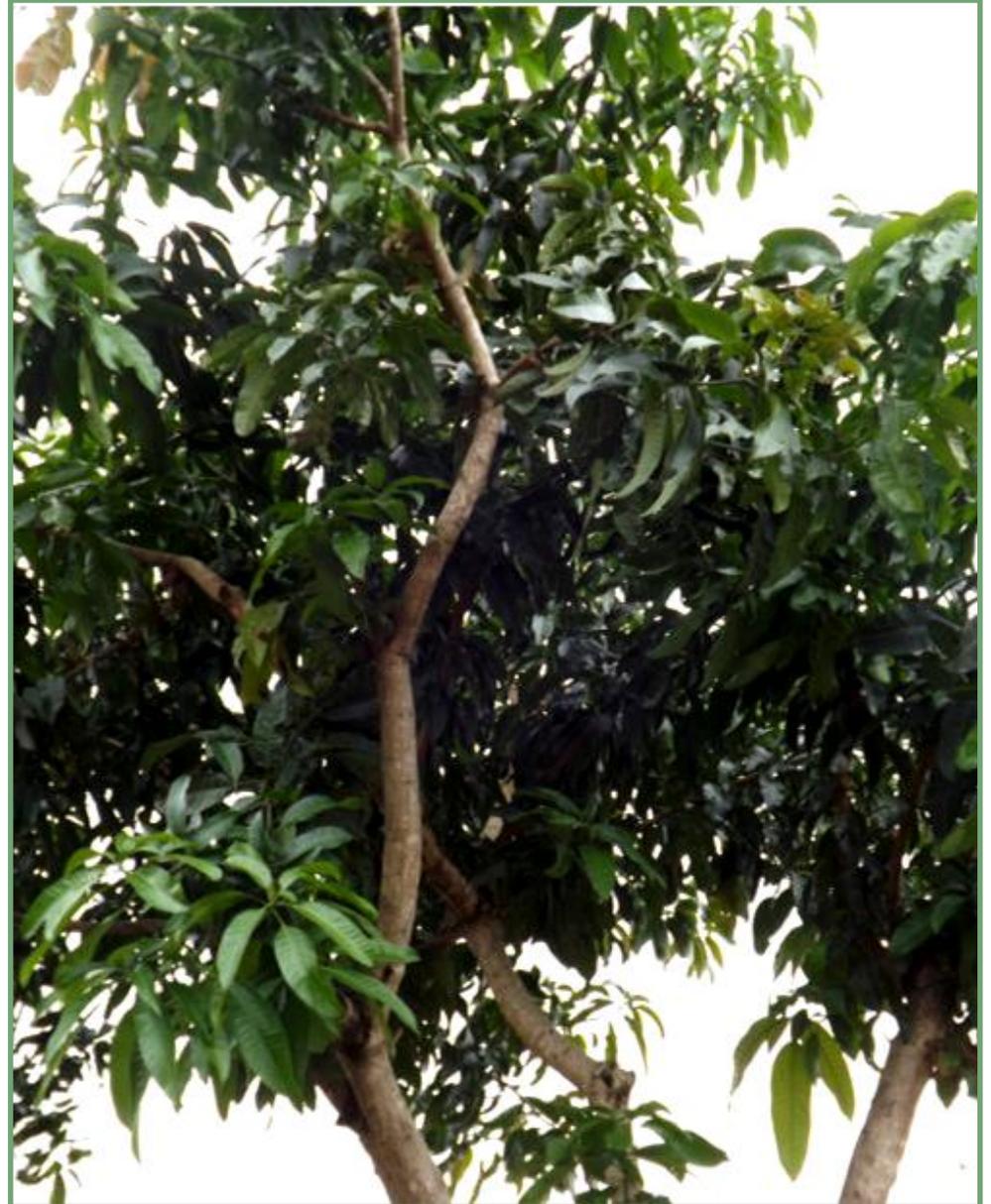


Mangueira
Aroeira salsa
Aroeira pimenta, aroeira pimenteira
Seriguela, umbuzeiro, cajá, cajá-manga

MANGUEIRA

Mangifera indica L.

A mangueira é uma árvore longeva, de copa densa, perene e muito frondosa, que pode alcançar 30 metros de altura. Seu tronco é largo, e apresenta casca escura, rugosa e com látex resinoso. As folhas são coriáceas, lanceoladas, com 15 a 35 cm de comprimento (avermelhadas quando jovens e verdes, com nervuras amarelas quando maduras). De floração abundante e ornamental, a mangueira apresenta inflorescências paniculadas e terminais, com flores pequenas e polígamas (PATRO, 2013).



AROEIRA PIMENTA, AROEIRA PIMENTEIRA

Schinus terebinthifolius Raddi

A aroeira-pimenta é uma árvore de pequeno a médio porte, capaz de alcançar de 5 a 9 metros de altura. Seu caule é um pouco tortuoso e a casca escura e fissurada. As folhas são imparipinadas, com 8 a 12 centímetros de comprimento e 7 a 13 folíolos verdes, elípticos a obovados, com nervuras claras. É espécie dioica (árvores com flores femininas e outras com masculinas). As flores são pequenas, branco-esverdeadas, dispostas em inflorescências axilares e terminais do tipo rácemo, e são muito atrativas para abelhas. Os frutos são pequenas drupas, esféricas, rosadas a avermelhadas, que servem como condimento e alimentam as aves silvestres (PATRO, 2013).



AROEIRA SALSA

Schinus molle L.

Espécie arbórea com altura entre 4 e 8 metros e tronco com 25 a 35 cm de diâmetro, revestido por casca grossa e escamosa. Suas folhas são compostas, sem estípulas, com 9-25 folíolos linear-lanceolados a lineares, subcoreáceos, glabros, com 3-8 cm de comprimento e de margens serradas. As flores amareladas e pouco vistosas são reunidas em inflorescências e os frutos são drupas globosas e de coloração vermelha. Relatos indicam a ocorrência desde Minas Gerais até o Rio Grande do Sul (IBF, 2014).



SERIGUELA, UMBUZEIRO, CAJÁ, CAJÁ-MANGA

Spondias sp L.

O gênero *Spondias* é muito comum em solo brasileiro, em que se encontram diversas espécies de frutos comestíveis conhecidos nas regiões norte e nordeste: seriguela (ceriguela), umbuzeiro, cajá e cajá-manga. Embora não sejam muito conhecidas da culinária do sudeste e sul, estas frutas vêm ganhando o paladar destes consumidores, principalmente na forma de sucos e outras combinações gastronômicas. Não foi possível identificar qual espécie é esta encontrada na área de estudo.



Família
ARAUCARIACEAE



Pinheiro do Paraná, araucária

PINHEIRO DO PARANÁ, ARAUCÁRIA

Araucaria angustifolia (Bertol.) Kuntze

Árvore símbolo do estado do Paraná, o pinheiro do Paraná ou araucária é reconhecido pela sua beleza, função ecológica e utilidade para o homem. Apesar de todas estas qualidades, é uma espécie em extinção. Seu porte é bastante grande, chegando aos 50 metros de altura. Diferencia-se de outros pinheiros pela sua estrutura em candelabro e pelos seus saborosos pinhões (PATRO, 2013).



Família
MORACEAE



Jaqueira
Figueira benjamina
Figueira branca, figueira brava, mata-pau
Amoreira

FIGUEIRA BENJAMINA

Ficus benjamina L.

A figueira benjamina é uma árvore muito popular, utilizada principalmente na decoração de ambientes internos. Com caule acinzentado, raízes aéreas e ramos pêndulos, ela tem crescimento moderado a rápido e, em condições naturais, chega a 30 metros de altura. Suas folhas são pequenas, brilhantes e perenes, de coloração verde ou variegada de branco ou amarelo. Suas raízes agressivas e superficiais chamam a atenção, e não raramente racham vasos e pavimentos (PATRO, 2013).



FIGUEIRA BRANCA, FIGUEIRA BRAVA, MATA-PAU

Ficus guaranitica Chodat

Espécie de médio porte, com altura variando de 10 a 20 metros quando adulta. Sua madeira é moderadamente pesada, macia, pouco resistente e de baixa durabilidade natural. A árvore é frondosa, proporcionando ótima sombra, normalmente é utilizada para arborização rural, e eventualmente para paisagismo de praças e jardins. É também indicada para a composição de reflorestamentos heterogêneos destinados à recomposição de áreas degradadas de preservação permanente (FLORESTAS NATIVAS, 2013).



Crédito da imagem da folha: <http://www.umpedeque.com.br/bkp/site_umpedeque/guia_visual.php> (acesso em: 30 jan. 2015).

JAQUEIRA

Artocarpus heterophyllus Lam.

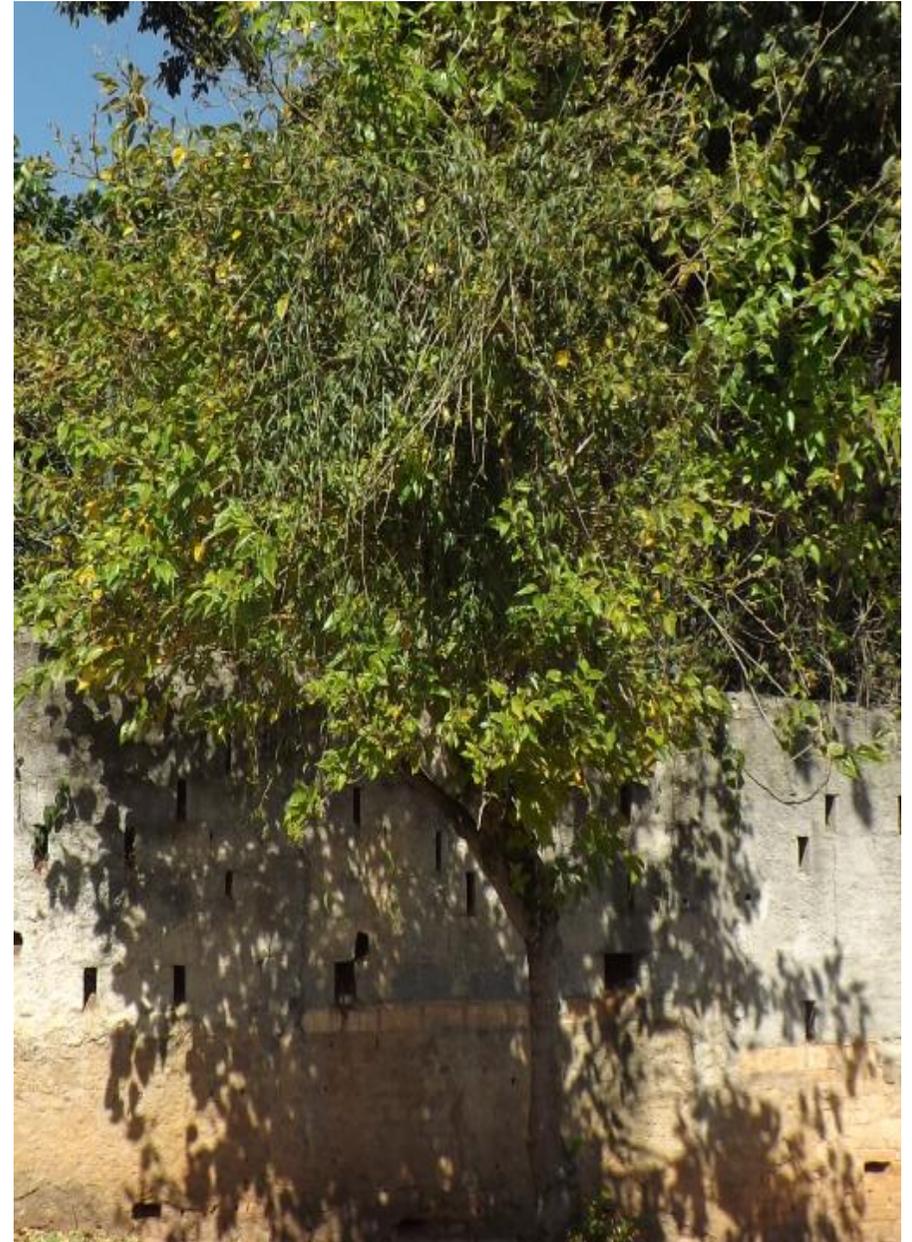
Árvore perenifólia, lactescente, de cerca de vinte metros de altura, provida de copa mais ou menos piramidal e densa, com tronco robusto, de 30 a 60 centímetros de diâmetro, revestido por casca espessa. Folhas simples, alternas, inteiras (lobadas apenas nos indivíduos jovens), afixadas aos ramos através de um curto pecíolo de cerca de um centímetro de comprimento. O nome científico *Artocarpus heterophyllus* deriva dos vocábulos gregos *artos* (“pão”), *karpós* (“fruto”), *heteron* (“distinto”) e *phyllus* (“folha”), significando, portanto, “fruta-pão de folhas diferentes”. Muitas pessoas pensam que a jaca é nativa do Brasil, porém a espécie cresce espontaneamente (BILL, 2013).



AMOREIRA, AMORA PRETA

Morus nigra L.

A amoreira é uma árvore decídua, cujo fruto, a amora, é apreciado no mundo todo. Seu porte é médio, alcançando de 4 a 12 metros de altura. As folhas são simples, ovadas a cordiformes, cartáceas, de margens serrilhadas ou dentadas e recobertas por uma pilosidade que as torna ásperas ao toque. As mudas podem apresentar folhas lobadas. As inflorescências surgem no final do inverno e são do tipo espiga, pendentes, onde se reúnem flores brancas minúsculas. Os frutos são pequenos aquênios, carnosos e negros quando maduros, reunidos em infrutescências (PATRO, 2013).



Família
FABACEAE



Pata de vaca
Pau-brasil
Pau-ferro
Sibipiruna
Flamboiãzinho, flor de pavão
Caliandra rosa
Chuva-de-ouro
Copaíba
Flamboiã
Ingá
Leucena
Guapuruvu
Tipa branca, tipuana
Embira de sapo
Jacarandá de espinho, sapuvinha

FLAMBOIÃ

Delonix regia (Bojer ex Hook) Raf.

O flamboiã é considerado uma das árvores mais belas do mundo, devido ao colorido intenso de suas flores. Frondosa, ela possui tronco forte e um pouco retorcido, podendo alcançar aprox. 12 metros de altura. Sua copa é muito ampla, em forma de guarda-chuva, e pode ser mais larga do que a própria altura da árvore. As folhas são bipinadas (recompostas) formadas por 10 a 15 pares de folíolos, cada um dos quais contém 12-20 pares de folíolos oblongos e sésseis (PATRO, 2013).



SIBIPIRUNA

Caesalpinia peltophoroides Benth.

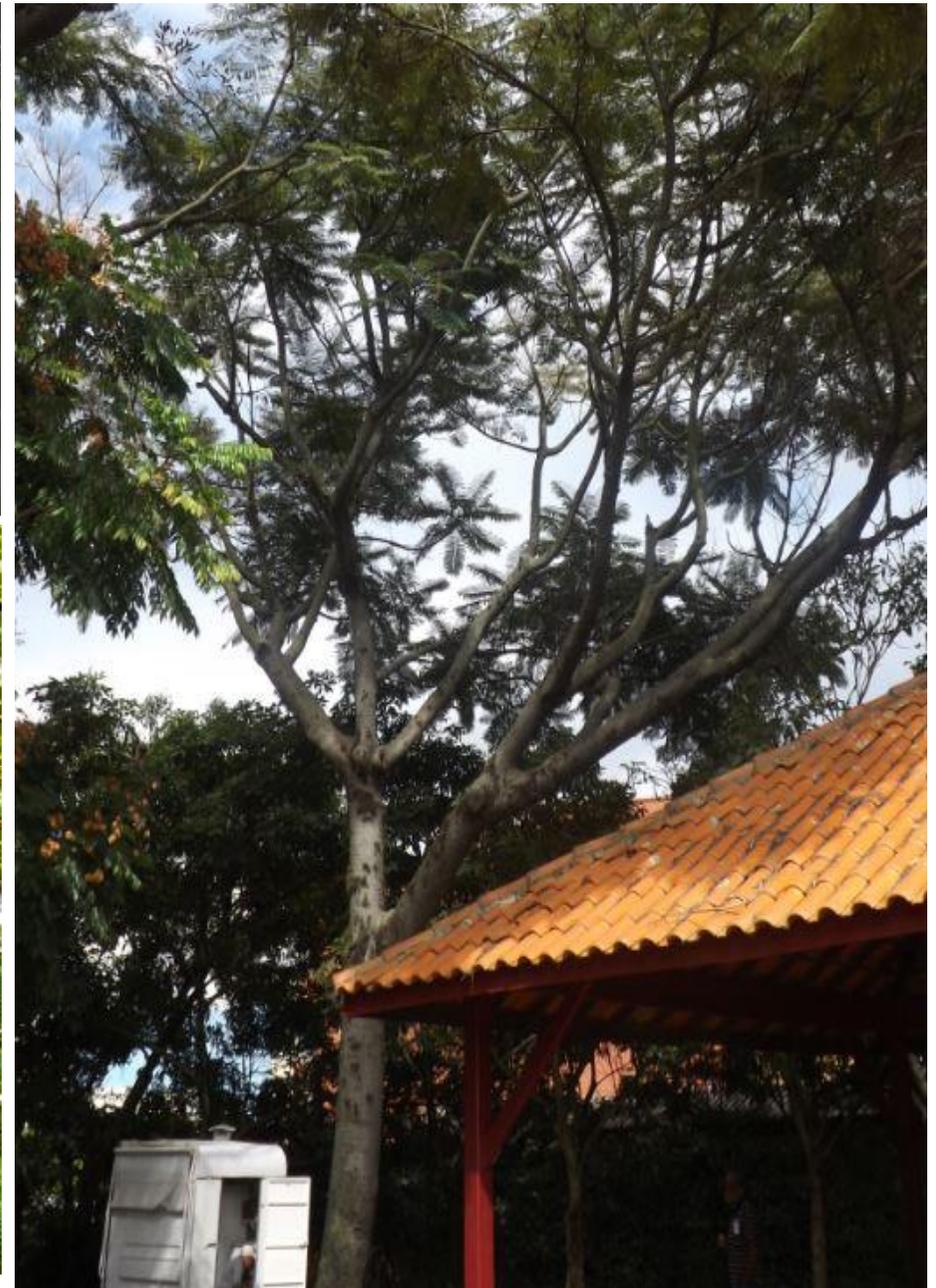
A sibipiruna é uma árvore semidecídua, de rápido crescimento e florescimento ornamental. Nativa da mata atlântica, ela é uma espécie pioneira ou secundária inicial (uma das primeiras espécies a surgir em uma área degradada). Seu porte é alto, podendo atingir de 8 a 25 m de altura. O tronco é cinzento e se torna escamoso com o tempo, seu diâmetro é de 30 a 40 cm. A copa é arredondada, ampla, com aprox. 15 m de diâmetro. Suas folhas são compostas, bipinadas, com folíolos elípticos e verdes. No inverno ocorre uma queda quase total das folhas, que voltam a brotar na primavera (PATRO, 2013).



GUAPURUVU

Schizolobium parahyba (Vell.) S. F. Blake

O guapuruvu é uma árvore decídua de grande porte, podendo atingir facilmente 30 metros de altura. Ela ocorre naturalmente na floresta ombrófila densa e estacional decidual. É uma das pioneiras de mais rápido crescimento. Seu tronco é retilíneo, com ramificações apenas no alto. A casca é cinzenta, com cicatrizes provocadas pela queda das folhas e lenticelas. As inflorescências surgem de agosto a novembro, em numerosos cachos densos, eretos, de flores amarelas e muito vistosas. Os frutos amadurecem no outono e são vagens bivalvas, de forma obovada e cor parda (PATRO, 2013).



CALIANDRA ROSA

Calliandra sp Benth.

A caliandra é uma planta arbustiva, lenhosa e muito florífera. Apresenta caule ramificado e folhas compostas, bipinadas e opostas, com folíolo pequenos, de cor verde escura. As inflorescências são do tipo umbela, com flores pentâmeras e rosas caracterizadas pelos longos e sedosos estames, que dão ao conjunto da inflorescência um aspecto de pompom. É uma espécie muito ornamental, devido principalmente ao charme de suas flores felpudas. Ela é excelente para formar cercas vivas topiadas ou renques informais. Plantada isoladamente, dá charme a jardins (PATRO, 2013).



PAU-FERRO

Caesalpinia ferrea Mart. ex Tul.

É uma árvore perenifólia a semidecídua, nativa da mata atlântica. A copa é arredondada e ampla, com cerca de 6 a 12 metros de diâmetro. O porte é imponente, atingindo de 20 a 30 metros de altura. O tronco apresenta 50 a 80 cm de diâmetro. Ele é claro, marmorizado, liso e descamante, o que lhe confere em efeito decorativo interessante. Os frutos são vagens duras que amadurecem no inverno. Parte dos frutos cai, enquanto que uma boa parte ainda permanece na planta, formando um banco de sementes aéreo (PATRO, 2013).



PATA DE VACA

Bauhinia variegata L.

Árvore de característica semidecídua, isto é, não perde totalmente as folhas no inverno. Muito ramificada, pode atingir até 10 m de altura. Floresce na metade do inverno até a metade da primavera. Suas folhas são simples, levemente coriáceas, parecendo bipartidas, dando a semelhança de uma pisada de bovino, daí seu nome popular. Suas flores são vistosas, cor-de-rosa estriadas, com uma das pétalas com uma mancha em rosa avermelhada, reunidas em inflorescências na ponta dos ramos. É uma das espécies mais amplamente utilizadas em arborização urbana (STUMPF, 2013).



INGÁ

Inga sp Mill.

O ingá ou ingazeira é uma árvore do gênero *Inga*, pertencente à subfamília Mimosoideae. O termo “ingá” também designa o fruto da árvore: uma longa vagem que contém sementes envolvidas por uma polpa muitas vezes comestível. As diversas espécies de ingá são muito comuns nas margens de rios e lagos, sendo muito procuradas pela fauna e pelo homem por suas sementes envolvidas por polpa branca e adocicada. O ingazeiro costuma apresentar floração mais de uma vez por ano (CARDIM, 2012).



TIPA BRANCA, TIPUANA

Tipuana tipu (Benth.) Kuntze

A tipuana é uma árvore decídua e florífera, de copa ampla e densa, que já foi largamente utilizada na arborização urbana tanto no Brasil como em outros países. Algumas cidades, como São Paulo e Porto Alegre, com certeza teriam uma paisagem bem diferente sem suas tão características tipuanas ladeando as ruas e parques. No entanto, atualmente tem sido preterida em favor de outras espécies devido ao seu porte avantajado, raízes agressivas e à fragilidade de sua madeira, que é mais propícia a quebras e cupins, principalmente nos indivíduos mais velhos e sem manutenção adequada (PATRO, 2013).



FLAMBOIÃOZINHO, FLOR DE PAVÃO

Caesalpinia pulcherrima (L.) Sw.

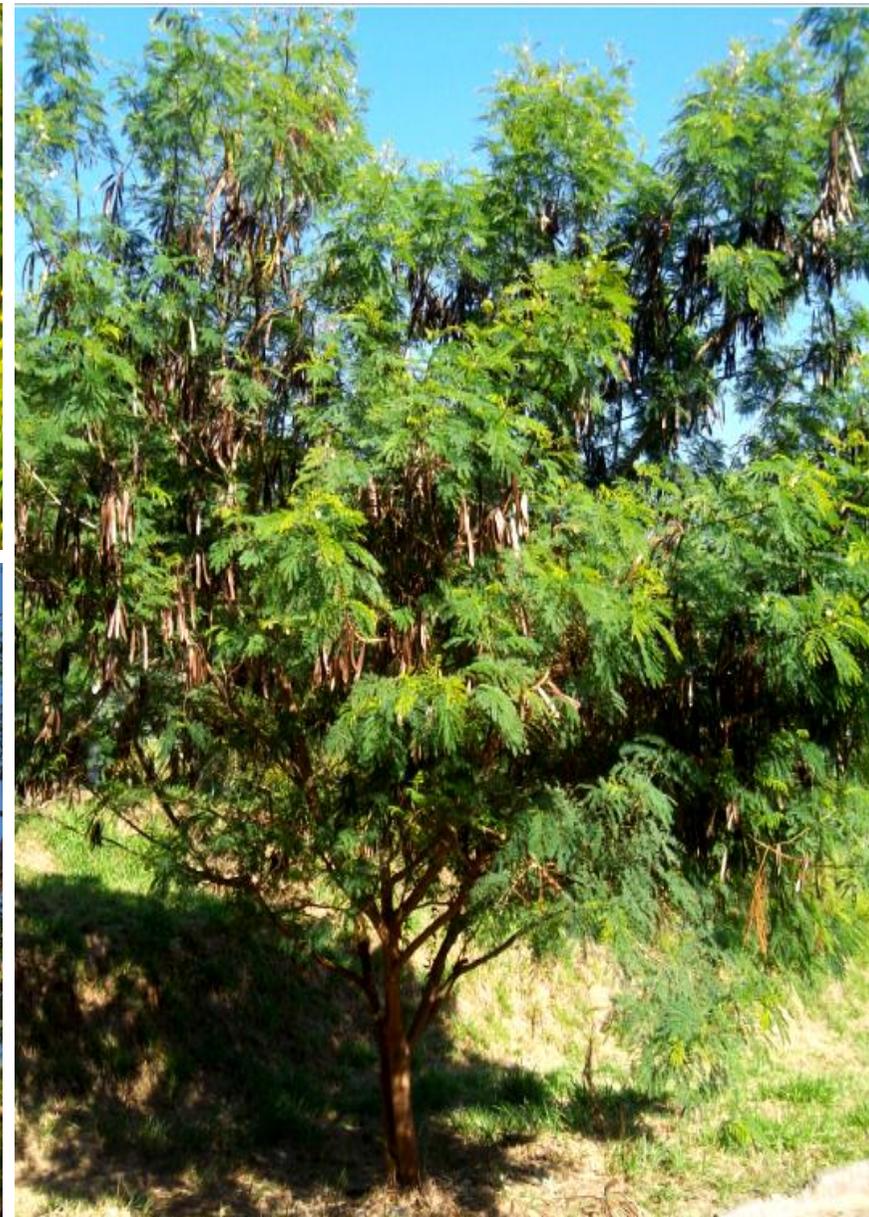
A flor de pavão é um arbusto ou arvoreta perene, muito popular no paisagismo tropical. Ele apresenta caule lenhoso, ereto, ramificado e cheio de espinhos. Suas folhas são grandes e bipinadas, de coloração verde, com numerosos folíolos ovalados. As inflorescências são terminais, em racemo, compostas por flores vermelhas, vermelho-alaranjadas, vermelho-rosadas ou amarelas, de acordo com a variedade, todas caracterizadas por longos estames. A floração ocorre na primavera e verão. Os frutos são do tipo legume e surgem no outono (PATRO, 2013).



LEUCENA

Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit

É uma leguminosa de verão arbustiva perene. Pode ser usada na arborização, sombreamento e consórcio com diversas culturas perenes. É rica em proteínas e, por isso, é bastante utilizada na alimentação de bovinos, equinos, ovinos e caprinos, que não devem consumir os brotos novos, pois são tóxicos. Tem boa palatabilidade, podendo ser consumida no pastejo direto, verde no cocho ou na forma de feno. Toleram muito bem a poda, sendo uma excelente opção para formação de banco de proteína. Tornou-se espontânea no Brasil, sendo uma invasora agressiva, invadindo terrenos baldios e outras áreas (VILELA, 2009).



PAU-BRASIL

Caesalpinia echinata Lam.

Árvore símbolo do Brasil, o pau-brasil é uma leguminosa nativa da Mata Atlântica. Ela apresenta tronco de casca acinzentada e recoberta com grossos acúleos; a descamação do caule em placas irregulares deixa ver a casca interna de coloração avermelhada. As inflorescências terminais, são compostas de numerosas flores com quatro pétalas amarelas e uma central modificada, de coloração vermelha. Após a floração, que ocorre na primavera, surgem os frutos do tipo vagem, deiscentes, recobertos por numerosos acúleos e carregam de 1 a 5 sementes marrons e discoides (PATRO, 2013).



CHUVA DE OURO

Cassia fistula L.

A chuva-de-ouro é uma árvore ornamental decídua, de floração espetacular, com seus belos cachos pendentes de flores douradas. De porte médio e crescimento rápido, ela alcança cerca de 5 a 10 metros de altura. Seu tronco é elegante, um pouco tortuoso, e pode ser simples ou múltiplo, com a casca cinza-esverdeada. A copa é arredondada, com cerca de 4 metros de diâmetro. As folhas são pinadas, alternas, com 4 a 8 pares de folíolos elípticos, acuminados e de cor verde-viva. É uma planta muito boa para arborização de vias públicas (PATRO, 2013).



COPAÍBA

Copaifera sp L.

A copaíba é uma planta muito conhecida da população brasileira. A ela têm sido atribuídas diversas propriedades medicinais. Em outros países, como os andinos, o óleo de copaíba é utilizado para tratamento de sífilis e catarros recorrentes. O óleo também é anti-inflamatório e anticancerígeno. Possui frutos maduros bem evidentes, e sua folhagem é graciosa. O termo copaíba vem do tupi “kupa’iwa” significando, grosso modo, ‘pau de óleo’. Outros nomes populares são copaibeira e copaíva. (MING *et al.*, 1997).



EMBIRA DE SAPO

Lonchocarpus sp Kunth.

O gênero *Lonchocarpus* Kunth tem cerca de 150 espécies. A principal área de distribuição ocorre no Continente Americano, mais precisamente na América do Sul e Central. O Brasil está representado por 32 espécies. A Região Sudeste é bem representada, com aprox. 15 espécies, algumas das quais são restritas a essa região. A embira de sapo é uma espécie bem conhecida da população (CARVALHO, 2011).



JACARANDÁ DE ESPINHO, SAPUVINHA

Machaerium sp Pers.

É uma árvore maravilhosa para a arborização urbana, caracterizada pela rusticidade, floração decorativa e crescimento rápido. Pode ser utilizada na ornamentação de ruas, calçadas, praças e parques, pois suas raízes não são agressivas. É largamente utilizada no paisagismo, adornando pátios e jardins residenciais ou públicos, filtrando moderadamente a luz do sol. Muitos países utilizam o jacarandá-mimoso na arborização de grandes cidades, entre estes podemos citar a Argentina, Brasil, África do Sul, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Itália, Espanha e México, entre outros (PATRO, 2013).



Família
NYCTAGINACEAE



Primavera

PRIMAVERA

Bougainvillea glabra Choisy

Trepadeira lenhosa, de florescimento abundante e espetacular. Suas folhas são pequenas, lisas, levemente alongadas e brilhantes. As flores são pequenas e projetadas, de coloração amarelo creme, envolvidas por brácteas róseas de coloração bem forte e conspícua. Pode ser conduzida com arbusto, arvoreta, cerca viva e como trepadeira, enfeitando com majestade pérgolas e caramanchões de estrutura forte. Popularmente, pode, também, ser chamada de buganvílea, pataguinha, pau de roseira, roseta, santarita, três-marias ou sempre-lustrosa. Possui espinhos espalhados pelos ramos (PATRO, 2013).



Família
SOLANACEAE



Trombeteira, saia branca

TROMBETEIRA, SAIA BRANCA

Brugmansia suaveolens (Willd.) Bercht & J. Presl

A trombeteira é um arbusto grande e ereto, que atinge facilmente 2 ou 3 metros de altura. Suas folhas são grandes, ovais, alternas, caducas, verdes e pubescentes na face inferior. As flores em formato de trombeta, pêndulas, simples, perfumadas e podem ter cerca de 30 cm de comprimento. São, em geral, de coloração branca ou amarela, mas ocorrem variedades e híbridos de flores róseas e dobradas também (PATRO, 2013).



Família
MYRTACEAE

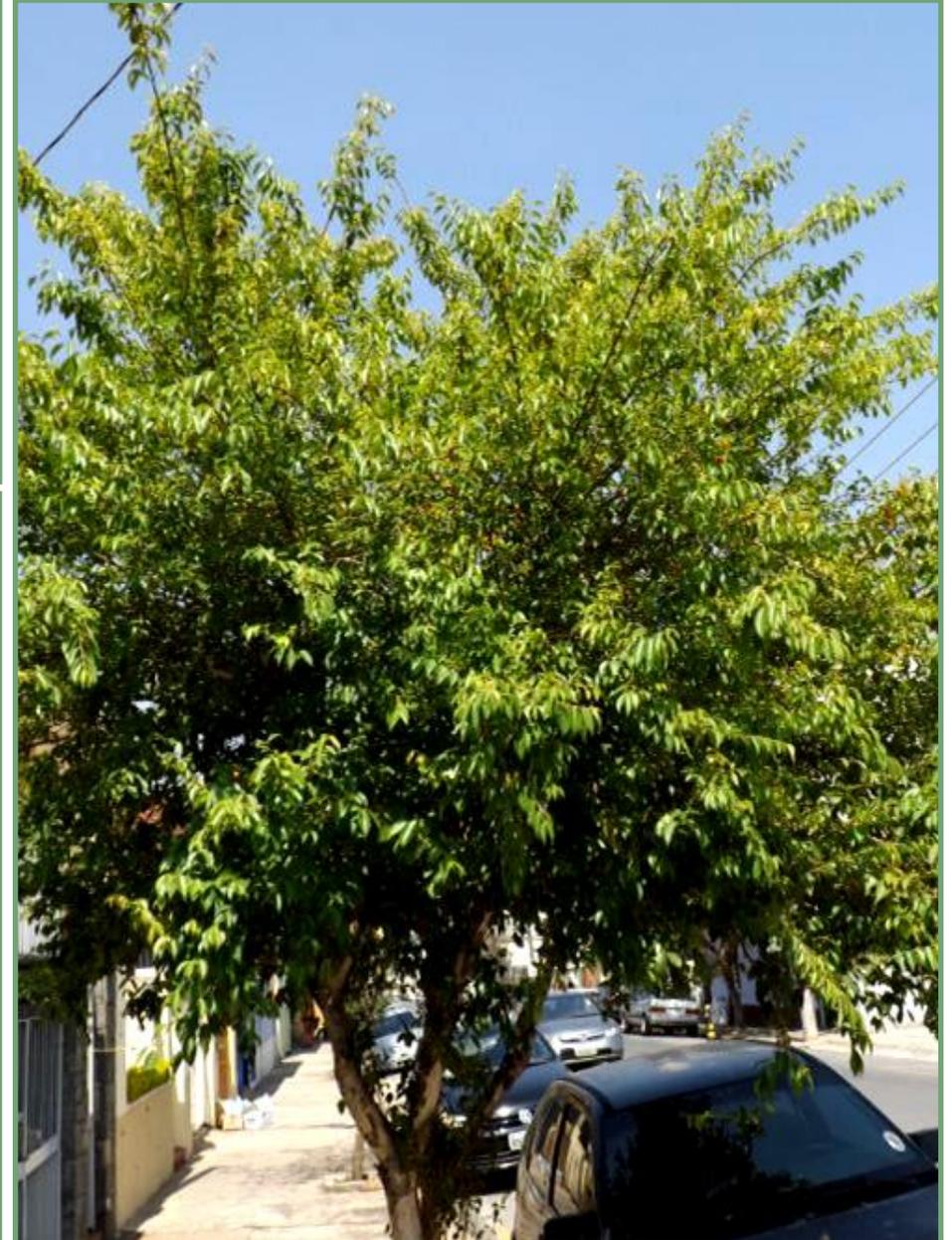


Escova-de-garrafa
Pitangueira
Araçá do campo, araçá rosa
Goiabeira
Jambeiro branco

PITANGUEIRA

Eugenia uniflora L.

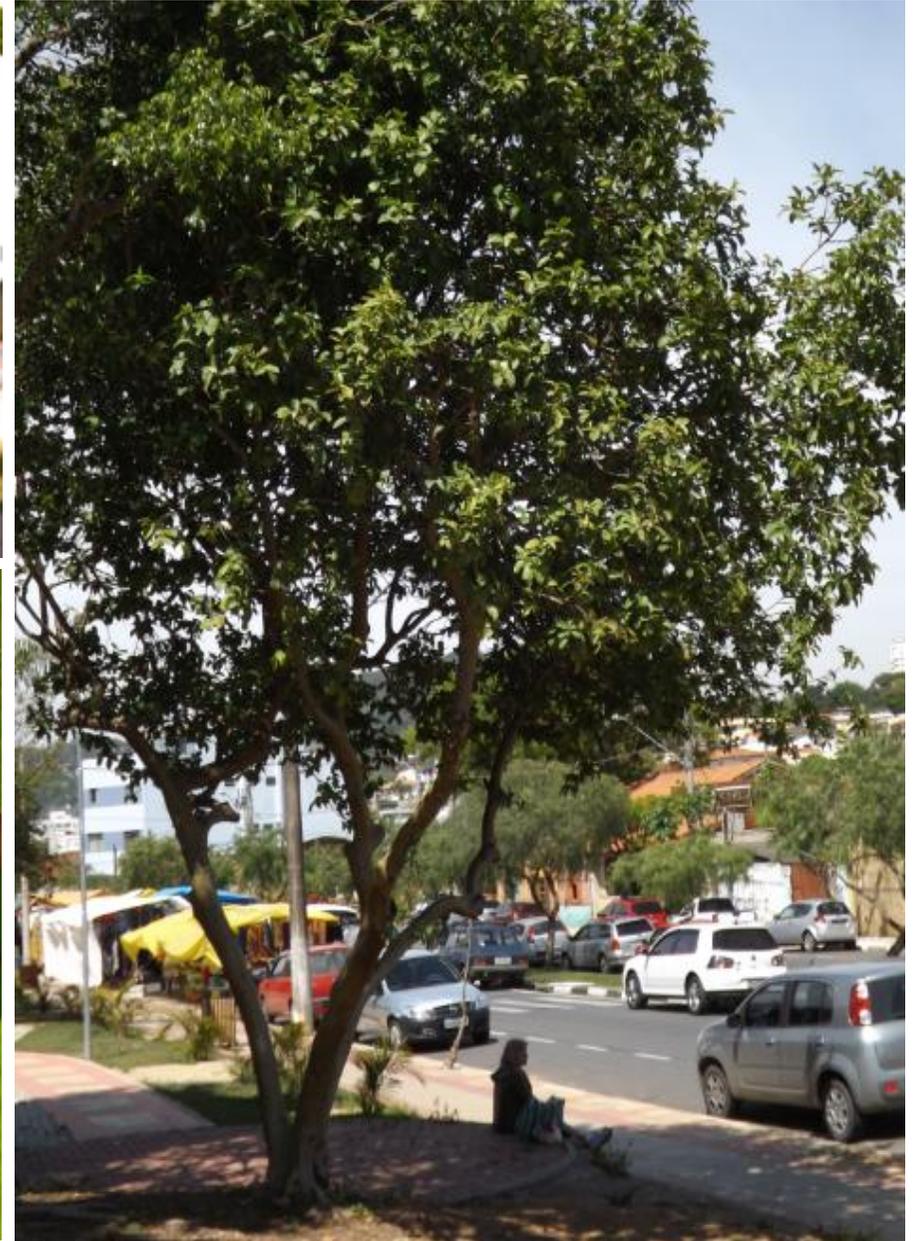
A pitangueira é uma árvore ou arbusto frutífero e ornamental, nativo da mata atlântica e conhecido principalmente pelos frutos doces e perfumados que fazem parte da cultura dos brasileiros. O nome “pitanga” é de origem tupi e significa vermelho-rubro. O porte pode ser arbustivo, entre 2 a 4 metros de altura, ou arbóreo, chegando nestes casos entre 6 e 12 metros. A copa é densa e arredondada. O florescimento é errático, e pode ocorrer duas ou mais vezes ao ano. As flores são pequenas, hermafroditas, brancas e perfumadas (PATRO, 2013).



GOIABEIRA

Psidium guajava L.

A goiabeira apresenta tronco tortuoso, com casca lisa, que quando envelhece se desprende em finas lâminas de cor castanha. Suas folhas são elípticas, de coloração verde clara, pilosas quando jovens e com nervuras bem marcadas. As flores são axilares, hermafroditas, de coloração branca, com longos e numerosos estames. A floração ocorre na primavera, apenas nos ramos produzidos durante o ano corrente. A goiabeira é uma árvore nativa da América do Sul, e muito cultivada devido ao seu porte e aos frutos, consumidos por vários animais (principalmente aves) e pelo ser humano (PATRO, 2013).



ARAÇÁ DO CAMPO, ARAÇÁ ROSA

Psidium cattleianum Sabine

O araçazeiro, cujo fruto é o araçá, é uma árvore ou arvoreta de copa esparsa, muitas vezes com porte arbustivo, alcançando de 1 a 9 metros de altura. Seu tronco é tortuoso e apresenta casca lisa, escamosa, na cor cinza a marrom avermelhada, com ramos pubescentes quando jovens. O período de florescimento é longo, estendendo-se de junho a dezembro. Parente da goiabeira, também é espécie nativa da América do Sul e muito cultivada devido aos frutos comestíveis (PATRO, 2013).



ESCOVA-DE-GARRAFA

Callistemon viminalis Cheel.

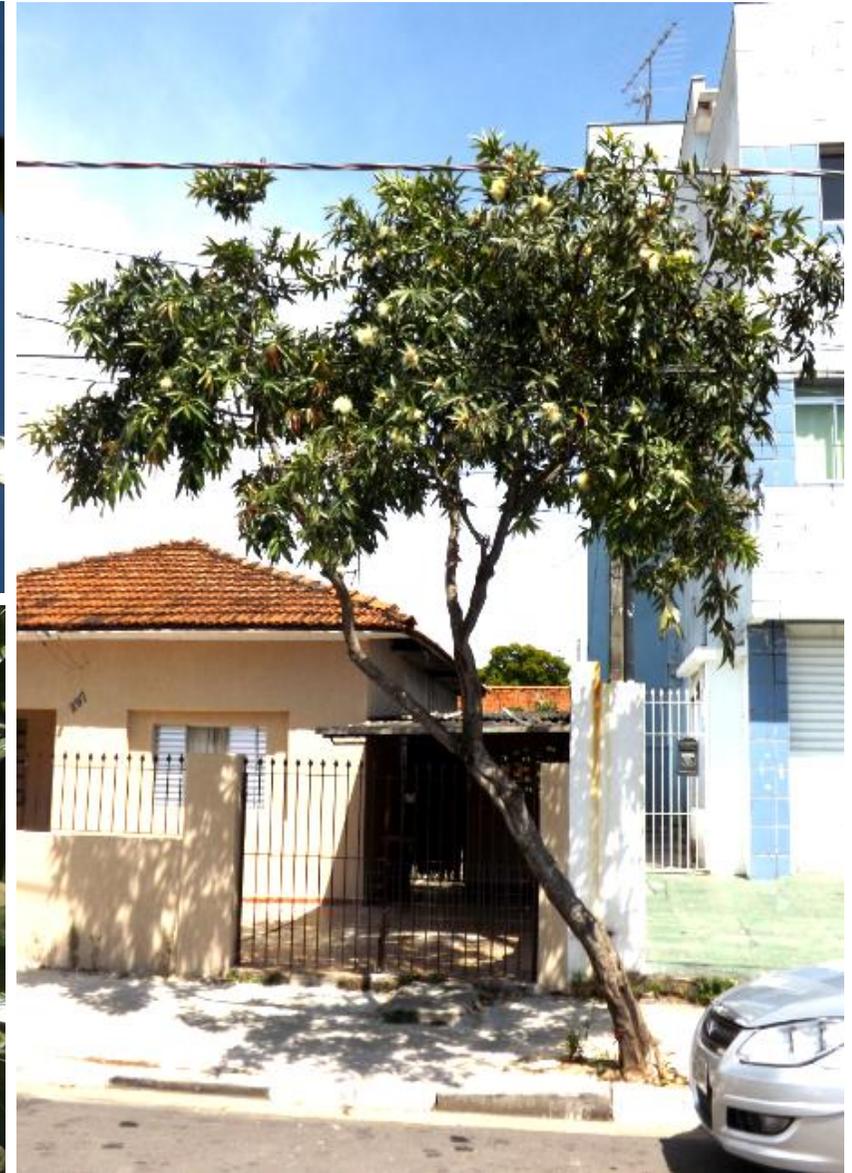
Escova-de-garrafa é o nome popular das plantas do gênero *Callistemon*. Este gênero possui 34 espécies catalogadas, sendo que a grande maioria delas é originária da Austrália. As escovas-de-garrafa apresentam porte arbustivo ou de arvoreta, alcançando de 3 a 7 metros de altura. Suas folhas são em geral pequenas, lanceoladas a lineares, verdes, sésses, perenes e aromáticas, que vão se tornando bronzeadas com o tempo. Suas flores são muito vistosas, com inúmeros estames vermelhos (PATRO, 2013).



JAMBEIRO BRANCO

Eugenia aquea Brum. F.

Este jambeiro é um dos mais exóticos introduzidos no Brasil. Segundo alguns autores, é originário da Índia. Pode atingir 15 m de altura, com copa cônica, densa e com ramificação abundante. Embora não seja nativa, esta espécie se aclimatou bem em nossas terras, tornando-se adaptada às terras tropicais. Os frutos dos jambeiros, de forma geral, são muito apreciados. As flores são bem aromáticas, grandes e vistosas, com longos estames brancos. Durante a floração, é muito comum observar-se uma grande movimentação de polinizadores, principalmente abelhas. Além do jambeiro branco, há outros parentes como o jambo vermelho e o jambo rosa.



Família
MELIACEAE



Cedro, cedro-cheiroso
Cedro australiano

CEDRO, CEDRO-CHEIROSO

Cedrela odorata L.

O cedro-cheiroso ocorre do México até a Argentina. No Brasil, ocorre na Floresta Atlântica, na Amazônia e mesmo na Caatinga. Chega a atingir 30 m de altura. As suas folhas são compostas. As flores são amarelo-pálidas. Os frutos são capsulares. A madeira caracteriza-se pelo seu cerne vermelho e é muito utilizada e apreciada na produção de mobília. É utilizada na produção de óleo essencial utilizado em perfumaria. Em virtude de sua madeira de excelente qualidade, o cedro está ameaçado de extinção resultante da exploração excessiva. Em São Roque, ocorre em várias praças (IBF, 2013).



CEDRO AUSTRALIANO

Toona ciliata M. Roem.

O cedro australiano ou cedro vermelho é uma espécie introduzida do sudeste asiático e da Austrália. Pertence à mesma família do mogno, e é uma das poucas espécies nativas australianas decíduas. A madeira é avermelhada. Em alguns países, também, é chamado de 'Indian mahogany' (mogno indiano). Pode crescer, em habitat natural, até 60 m de altura. É largamente plantada, no mundo inteiro, em áreas tropicais e subtropicais. Cresce rapidamente. Em outras partes do mundo, o cedro australiano foi aclimatado e segue crescendo como planta espontânea. (VADER, 1987).



Família
ARECACEAE



Areca bambu, palmeira-areca
Palmeira-triângulo
Tamareira das Canárias, palmeira das Canárias, palmeira tamareira
Palmeira rápis, ráfia, palmeira-ráfia
Palmeira jerivá, jerivá
Sabal, palmeira-anã, serenoa, palmeira rabo-de-peixe

ARECA BAMBU, PALMEIRA ARECA

Chrysalidocarpus lutescens H. Wendl.

A palmeira areca é uma das palmeiras mais populares do mundo, tanto no jardim quanto na decoração de interiores. De estipes múltiplos, chega a ser muito entouceirada. Os estipes são elegantes, anelados, com bainhas de coloração verde-esbranquiçada a amarelada. As folhas são grandes, verdes, recurvadas, compostas por 20 a 50 pares de folíolos, com pecíolos e raques amarelados. As inflorescências são ramificadas, com numerosas e pequenas flores de cor branco-creme, perfumadas. Os frutos são verde-amarelados e tornam-se arroxeados quando maduros (PATRO, 2013).



TAMAREIRA DAS CANÁRIAS, PALMEIRA DAS CANÁRIAS, PALMEIRA TAMAREIRA

Phoenix canariensis Hort. ex Chabaud

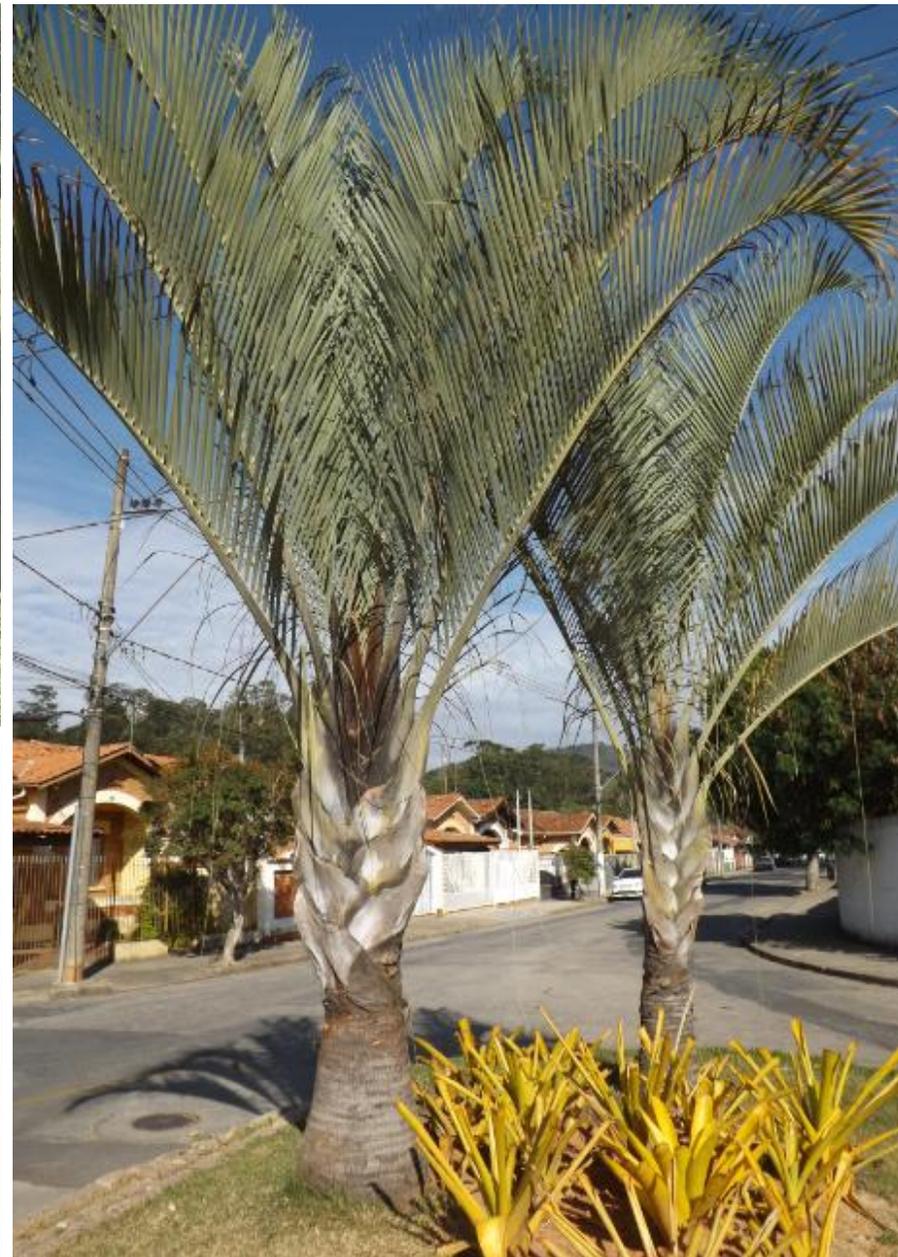
A tamareira-das-canárias é uma palmeira robusta e muito rústica. De tronco único, com cerca de 70 a 90 cm de diâmetro, ela pode alcançar 20 metros de altura. Apresenta folhas pinadas e longas, com folíolos afilados, de coloração verde-brilhante. Muito comum em filmes que retratam paisagens mediterrâneas ou do norte da África, esta palmeira, quando plantada em praças ou jardins, dá um toque especial devido ao seu tronco e seu porte majestoso. É muito comum o desenvolvimento de diversas epífitas sobre suas folhas secas, principalmente samambaias, fungos liquenizados e musgos (PATRO, 2013).



PALMEIRA TRIÂNGULO

Dypsis decaryi (Jum.) Beentje & J. Dransf.

A palmeira-triângulo é uma espécie de estipe único e crescimento lento a moderado, oriunda da Ilha de Madagascar. O que chama a atenção nesta espécie é a disposição das folhas na coroa da planta. Elas surgem agrupadas em três seções, de forma que ao corte transversal, tem-se um triângulo. As folhas são pinadas, eretas e arqueadas, de cor azul-acinzentada, e alcançam 2,5 metros de comprimento. O caule é cinzento, com cerca de 30 a 40 cm de diâmetro. A palmeira-triângulo alcança geralmente de 3 a 6 metros de altura em cultivo, mas em seu habitat pode chegar até 15 metros. No verão surgem as inflorescências, entre a base das folhas, com numerosas flores pequenas, de cor amarela. Os frutos que se seguem são drupas carnosas, ovoides, com polpa escassa e doce, e uma única e grande semente (PATRO, 2013).



PALMEIRA RÁPIS, RÁFIA, PALMEIRA-RÁFIA

Rhapis excelsa (Thunb.) A. Henry

A ráfia é uma elegante palmeira, ereta e entouceirada, muito utilizada na decoração de interiores. Os japoneses foram os primeiros a utilizá-la como ornamental, coletando espécimes na China para adornar o Palácio Imperial. Ela apresenta múltiplos estipes semelhantes ao bambu e revestidos com uma fibra rústica e marrom. As folhas são palmadas, plissadas, de coloração verde-escura e muito brilhantes. Ocorrem formas em miniatura e de folhas mais largas ou variegadas também, muito caras e raras em cultivo (PATRO, 2013).



PALMEIRA-JERIVÁ, JERIVÁ

Syagrus romanzoffiana (Cham.) Glassman

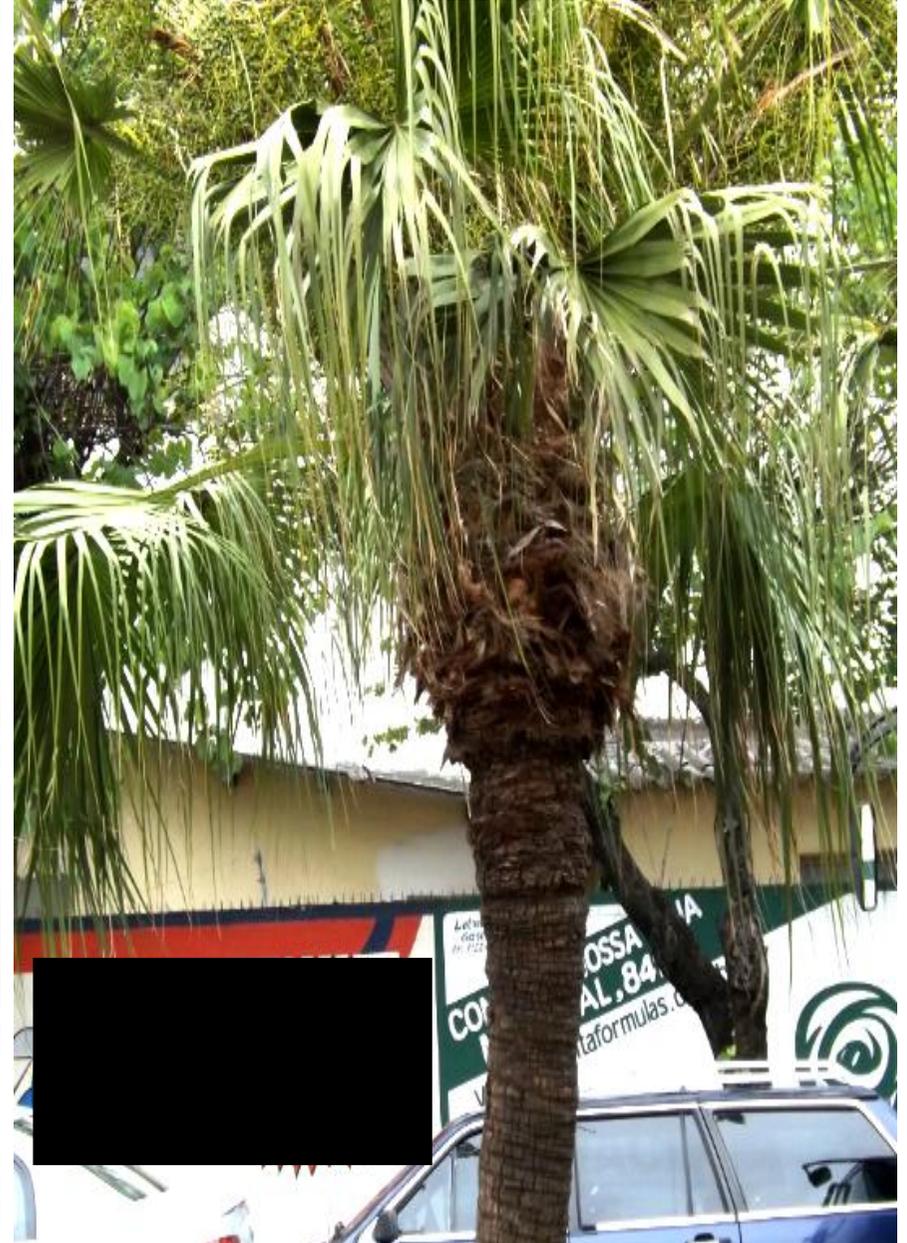
Seu estipe é elegante e único, alcançando de 8 a 15 metros de altura e podendo chegar a 60 cm de diâmetro. As folhas são longas, com 2 a 4 metros de comprimento, arqueadas, pendentes, pinadas e com numerosos folíolos. As inflorescências surgem o ano todo, em cacho pendente, grande, ramificado, com pequenas flores de cor amarelo creme. O fruto é do tipo drupa, de cor amarela ou alaranjada, de formato globoso a ovoide, com polpa fibrosa, succulenta e doce. Cada fruto contém uma única semente (como um minúsculo coco) de sabor amendoado. Tanto os frutos como as sementes dos jerivás são comestíveis. Também produz palmito (PATRO, 2013).



SABAL, PALMEIRA-ANÃ, SERENOA, PALMEIRA RABO-DE-PEIXE

Sabal palmetto Lodd. ex Schult.

Estas palmeiras são monocotiledôneas com folhas de sementes individuais. O sabal cresce através de anéis divididos em segmentos. As folhas são longas, com linhas retas das nervuras paralelas. É uma das palmeiras ornamentais mais utilizadas em parques, praças e vias públicas. Suas folhas fornecem um conjunto paisagístico muito interessante. Diversas aves frequentam a planta durante o período de frutificação. Nativa do sudeste norte-americano, também é utilizada do ponto de vista medicinal em várias partes do mundo. Utilizam-se os frutos e o óleo extraído dos frutos esmagados (NIX, 2014).



Família
BOMBACACEAE

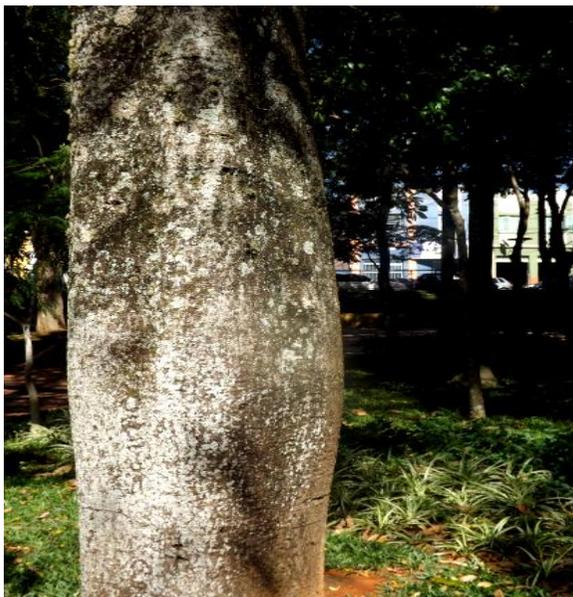


Barriguda
Paineira

BARRIGUDA

Chorisia glaziovii (Kuntze) E. Santos

Altura de 15-18 m, dotada de copa ampla e bastante ramificada, com tronco entumecido à meia altura com mais de um metro de diâmetro, de onde advém o nome popular "barriguda". Tronco e ramos providos de acúleos cônicos com até 5 cm de comprimento. Com folhas palmadas, com 4-7 folíolos. Inflorescências terminais, paniculadas, com 1-3 flores por nó. Fruto cápsula elipsoide, deiscente, contendo sementes envoltas por fibras lanuginosas denominadas de "lã de barriguda" (LORENZI, 2009).



PAINEIRA

Ceiba sp Mill.

A paineira é uma árvore bastante popular, e isto se deve principalmente à sua beleza extraordinária e seu curioso fruto. O tronco é cinzento-esverdeado e recoberto de acúleos grandes e piramidais. A madeira da paineira é bastante leve, mole e pouco resistente, além de não ter boa durabilidade. Pode ser utilizada na confecção de calçados, caixotaria, celulose e artesanato. As folhas são compostas palmadas, com 5 a 7 folíolos. As flores pintalgadas de vermelho, podem se apresentar em diversas tonalidades de rosa, de acordo com a variedade (PATRO, 2013).



Família
CUPRESSACEAE



Cedro japonês, hinoki
Pinheirinho de cerca
Cipreste mediterrâneo, cipreste português, cedro português, cedrinho

CEDRO JAPONÊS, HINOKI

Chamaecyparis obtusa Siebold & Zucc.

O cipreste japonês é uma bela conífera, de formato piramidal, com ramagem ramificada e esparsa. Seu porte é grande, alcançando de 15 a 20 metros de altura. As folhas são escamosas, semelhantes às de samambaia no formato, com forte aroma e uma bela cor verde-dourada. Sua beleza destaca-se quando plantado isoladamente em gramados bem cuidados. Também pode ser conduzida como cerca viva informal. Torna-se uma planta interessante na composição de jardins de estilo japonês, italiano, contemporâneo ou francês (PATRO, 2013).



CIPRESTE MEDITERRÂNEO, CIPRESTE PORTUGUÊS, CEDRO PORTUGUÊS, CEDRINHO

Cupressus lusitanica Carrière

O cedrinho é uma árvore de copa piramidal a colunar muito utilizado na ornamentação urbana, principalmente podado, adquirindo porte arbustivo, para uso em sebes. Apesar do nome popular “cedrinho”, é na verdade um cipreste. Sem podas, pode alcançar de 20 a 30 metros de altura. Suas folhas são em escamas, ovaladas, acuminadas, aromáticas, perenes e de cor verde-acinzentada. Por se tratar de uma espécie monoica, apresenta flores masculinas e femininas na mesma planta. As inflorescências femininas são cones globosos e axilares, enquanto que as masculinas são cones cilíndricos e terminais (PATRO, 2013).



PINHEIRINHO DE CERCA

Cupressus sp L.

Cipreste de coloração verde amarelada e folhagem muito aromática que lembra limão. Tem forma cônica e compacta, contudo não se presta à topiária e às cercas vivas, por não tolerar podas. Bastante utilizada na forma isolada ou compondo com outras plantas simétricas e podadas, como nos jardins de estilo francês e italiano. É um dos pinheiros-de-natal preferidos pelo mercado brasileiro (PATRO, 2013).



Família
RUSCACEAE



Coqueiro de Vênus, dracena, cordiline
Fiteira, lírio-palma

COQUEIRO-DE-VÊNUS, DRACENA, CORDILINE

Cordyline sp Comm. ex R. Br.

As dracenas conquistaram os jardins tropicais e hoje podemos encontrar muitas variedades, além da vermelha original. Todas apresentam, no entanto, folhas grandes, largas e com textura de couro e inflorescência terminal de baixa importância ornamental. Podemos encontrar dracenas vermelhas, arroxeadas, róseas, esbranquiçadas, verdes, variegadas, manchadas e listradas em diversas combinações (PATRO, 2013).



FITEIRA, LÍRIO-PALMA

Cordyline australis Hook. F.

As folhas são laminares e de coloração verde. Possui ramificação abundante. Espécie muito resistente. Aprecia ambientes de sol pleno, tolera geadas, ventos, maresia e gosta de solos úmidos, bem drenados. Planta de médio porte que atinge até 6m de altura e 3m de diâmetro. Inflorescência com flores brancas, as quais exalam perfume na primavera e verão. Apresenta crescimento rápido e responde muito bem à fertilidade (HUDSON, 2006).



Família
ROSACEAE



Nespereira
Cerejeira, ginja

NESPEREIRA

Eriobotrya japonica (Thunb.) Lindl

A nespereira é uma arvoreta perenifolia, frutífera, originária do Japão e conhecida em diversas partes do mundo pelos seus saborosos frutos. Apresenta tronco curto e avermelhado, com copa arredondada e ramagem nova recoberta por lanugem. Em altura pode alcançar até 10 metros, mas geralmente não ultrapassa 4 metros. Sua floração ocorre no outono e início do inverno, enquanto que sua frutificação dá-se no inverno e início da primavera. É uma das árvores mais simbólicas na Ásia, principalmente China e Japão. Há inúmeras variedades de nêspervas silvestres (PATRO, 2013).



CEREJEIRA, GINJA

Prunus cerasus Scop.

Pequena árvore caducifólia menor do que a cerejeira (até 8 m), com folhas menores sem glândulas; frutos (ginjas) menores que os das cerejeiras cultivadas, vermelho-claros, ácidos e não tão doces como as cerejas. Introduzida do Médio-Oriente e cultivada no norte do país, às vezes asselvajada; também na Madeira, e sem dúvida nos Açores. As ginjas (cerejas) geralmente não são consumidas frescas, mas utilizam-se confeitadas, ou nos doces ou bolos, ou na preparação de bebidas (ALVES, 2011).



Família
PROTEACEAE



Grevílea, grevilha

GREVÍLEA, GREVILHA

Grevillea robusta A. Cunn ex R. Br.

Árvore nativa da Austrália, possui copa piramidal elegante. É uma espécie adequada para arborização de parques e para reflorestamentos, embora não seja aconselhada para arborização de ruas e vias públicas devido ao porte alto. Suas flores são formadas em maio e junho, apresentam grande quantidade de néctar, o que as torna bastante visitada por abelhas e pássaros. (LORENZI *et al.*, 2003). Uma das maiores praças de São Roque possui uma população de mais de 50 indivíduos de grevílea. Apesar de lembrar um pinheiro, não pertence ao mesmo grupo das coníferas.



Família
MALVACEAE



Hibisco

HIBISCO

Hibiscus rosa-sinensis L.

O hibisco é a flor símbolo do Havaí. Além disso, é uma das plantas mais cultivadas nos jardins brasileiros, devido ao seu rápido crescimento, beleza e rusticidade. Há um grande número de variedades, que podem apresentar folhas estreitas ou largas, variegadas ou não e flores das mais diversas formas, tamanhos e cores. A floração estende-se por todo o ano e as flores são sempre solitárias. Versátil, adapta-se às mais diversas funções paisagísticas, servindo como excelente cerca viva, arbusto, renques, composições ou simplesmente como planta isolada em vasos (PATRO, 2013).



Família
BIGNONIACEAE

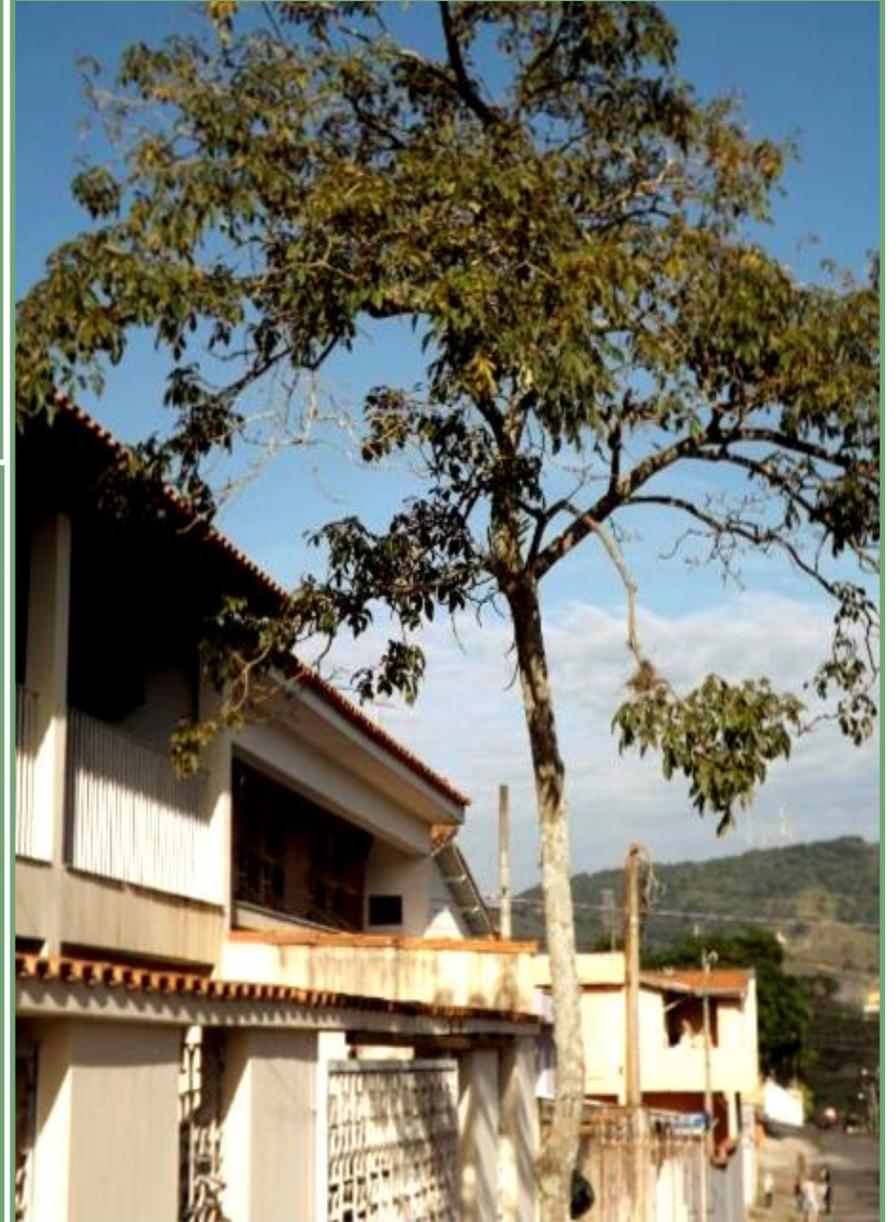


Jacarandá mimoso
Bisnagueira
Ipê amarelo
Ipê de jardim, ipezinho de jardim

IPÊ AMARELO

Tabebuia alba (Cham.) Sandwith.

O ipê amarelo é uma das árvores brasileiras mais conhecidas, uma das mais cultivadas e, na opinião de muitos, a mais bela. É, na verdade, um complexo de nove ou dez espécies com características mais ou menos semelhantes, com flores brancas, amarelas ou roxas. Não há região do país onde não exista pelo menos uma espécie do ipê amarelo; porém, a existência do ipê em habitat natural nos dias atuais é rara entre a maioria das espécies (LORENZI *et al.*, 2009).



JACARANDÁ MIMOSO

Jacaranda mimosaeifolia Don

O jacarandá-mimoso é uma árvore decídua a semidecídua, de floração muito exuberante. Seu porte é pequeno, alcançando aprox. 15 metros de altura. O caule é um pouco retorcido, com casca clara e lisa quando jovem, que gradativamente vai se tornando áspera e escura com a idade. Sua copa é arredondada a irregular, arejada e rala. Suas folhas são opostas e bipinadas, compostas por 25 a 30 pares de pequenos folíolos ovais, de coloração verde-clara acinzentada (PATRO, 2013).



IPÊ DE JARDIM, IPEZINHO DE JARDIM

Tecoma stans (L.) Kunth

O ipê-de-jardim é uma arvoreta bastante ramificada, que pode alcançar 4 a 6 metros de altura. Ele apresenta folhas compostas por folíolos oval-lanceolados, sub-sésseis e de bordas serrilhadas. As inflorescências são terminais ou axilares, com muitas flores tubulares, amarelas, muito parecidas com as do ipê-amarelo. A floração é maior nos meses mais quentes, mas pode perdurar durante o outono. Os frutos são cápsulas glabras deiscentes, compridas e contém muitas sementes aladas. O ipê de jardim não pertence ao mesmo gênero dos outros ipês (*Tabebuia* e *Handroanthus* spp), embora seja parecido com eles (PATRO, 2013).



BISNAGUEIRA

Spathodea campanulata Buch-Ham. ex D.C.

A bisnagueira é uma árvore de crescimento rápido e efeito muito ornamental. Seu porte é médio, podendo atingir 24 metros de altura. Na África, seu local de origem, pode-se observar exemplares com até 30 metros de altura. O tronco apresenta um diâmetro de 30 a 50 cm, a madeira é clara e mole e a casca fina e suberosa. As folhas são grandes, opostas e são compostas por numerosos folíolos (4 a 19) alongados e oval-lanceolados. A bisnagueira tornou-se uma espécie invasora em alguns locais no Brasil. É uma das espécies mais utilizadas em arborização urbana, em vias e praças (PATRO, 2013).



Família
LYTHRACEAE



Resedá

RESEDÁ

Lagerstroemia indica (L.) Pers.

Perfeita para as calçadas, resedá é uma arvoreta que não possui raízes agressivas, além de ter um belo florescimento. É uma das espécies mais utilizadas em arborização urbana no Brasil e nos Estados Unidos da América. Suas folhas são elípticas, com bordas onduladas. O tronco é muito belo, liso, de tons claros, marmorizado. Seu porte chega a 6 metros de altura. As inflorescências, formadas ainda no inverno, contêm inúmeras flores crespas de coloração rosa, branca, roxa ou vermelha, de acordo com a variedade. Também pode ser chamada de extremosa, escumilha ou árvore de júpiter. Acredita-se que sua origem seja asiática (China e Índia) (PATRO, 2013).



Família
MAGNOLIACEAE



Magnólia amarela

MAGNÓLIA AMARELA

Michelia champaca L.

Árvore de porte médio, com tronco ramificado desde a base. A casca é lisa, de coloração acinzentada, com cicatrizes amareladas nos ramos novos. As folhas são simples, de coloração verde brilhante na parte superior (e esbranquiçada na inferior). As flores são amarelo-alaranjadas e perfumadas. O fruto, com muitos carpídeos (cada uma das unidades separáveis de um fruto múltiplo), é lenhoso e isolado. Cada carpídeo apresenta uma ou duas sementes, liberadas através de sua abertura (EITERER, 2013).



Família
LAURACEAE



Canela

CANELA

Ocotea sp Aubl.

As lauráceas formam uma grande família de árvores e arbustos, predominantemente tropicais. A família está mais representada nos trópicos americanos e asiáticos, tendo também um grande número de espécies na Austrália e Madagascar, mas é pobremente representada na África. Atualmente são reconhecidos por volta de 50 gêneros e, o número estimado de espécies, está entre 2.500-3.000. As canelas formam um grande complexo no Brasil, pertencentes a diversos gêneros, entre os quais *Sassafras*, *Ocotea* e *Nectandra*. O Brasil tem muitos representantes do gênero *Ocotea* (BAITELLO, 2013).



Família
PANDANACEAE



Vacuá, pândano, pinhão de Madascar

VACUÁ, PÂNDANO, PINHÃO DE MADAGASCAR

Pandanus veitchii Hort.

O vacuá ou pândano é uma árvore tropical, de copa piramidal e de aspecto curioso. Suas folhas são longas, achatadas como espadas, com margens denteadas, e dispostas em espiral entorno do caule lenhoso e pouco ramificado. Destacam-se, também, as raízes aéreas, que emergem calbrosas diretamente do caule, acima do solo e apresentam função de sustentação da planta. Os frutos do pândano são grandes e do tipo drupa. Em São Roque - SP, o vacuá é uma espécie facilmente encontrada em praças e avenidas, sendo rapidamente identificada por conta de suas características vegetativas bem conspícuas ou frutos (PATRO, 2013).



Família
PINACEAE



Espruce europeu
Pinheiro comum

ESPRUCE EUROPEU

Picea sitchensis (Bong.) Carrière

Esta conífera produz uma madeira conhecida como Sitka Spruce, utilizada na confecção de violões. *Picea sitchensis* é o terceiro maior ser vivo da Terra, ficando atrás, apenas, da sequoia californiana e do eucalipto quanto ao quesito altura. O espruce europeu pode chegar até 80 metros de altura. A casca desta planta é escamosa, de cor castanho- escura. Em arborização de vias públicas é altamente condenável devido ao porte gigantesco. Em praças, pode ser utilizado, mas representa risco ao entorno caso se quebre ou caia (NATIONAL ARBORISTS, 2013).



PINHEIRO COMUM

Pinus elliottii Engelm.

Esta espécie ocorre naturalmente no sul e sudeste dos Estados Unidos, desde a Carolina do Sul até a região central da Flórida e, para oeste, até a Louisiana. O clima predominante na região de ocorrência natural caracteriza-se pelos verões chuvosos, com precipitação pluviométrica média anual em torno de 1.270 mm e temperatura média anual de 17°C, ocorrendo, esporadicamente, temperaturas extremas de 18°C até 41°C. No Brasil, esta variedade requer clima fresco com inverno frio e disponibilidade de umidade constante durante o ano (EMBRAPA, 2011).



Família
PLATANACEAE



Plátano

PLÁTANO

Platanus occidentalis Hook. & Arn.

Espécie típica dos climas subtropical e temperado. É uma árvore que geralmente atinge mais de 30 metros de altura. Possui tronco de aspecto muito característico, com manchas esverdeadas (espécie de “camuflado”), e suas folhas caducas lobadas são semelhantes às do bordo, as quais ficam avermelhadas no outono antes de caírem no inverno (diferenciam-se, porém, dos bordos pelas flores reunidas em inflorescências globosas, em contraste com os amentos presentes nos bordos, e também pela ausência de resina nos plátanos). É uma das espécies mais comumente encontradas na região pericentral de São Roque -SP (LONGHI, 2011).



Família
APOCYNACEAE



Jasmim manga, flor de ovo
Oleandro, espirradeira, loureira rosa

JASMIM MANGA, FLOR DE OVO

Plumeria alba L.

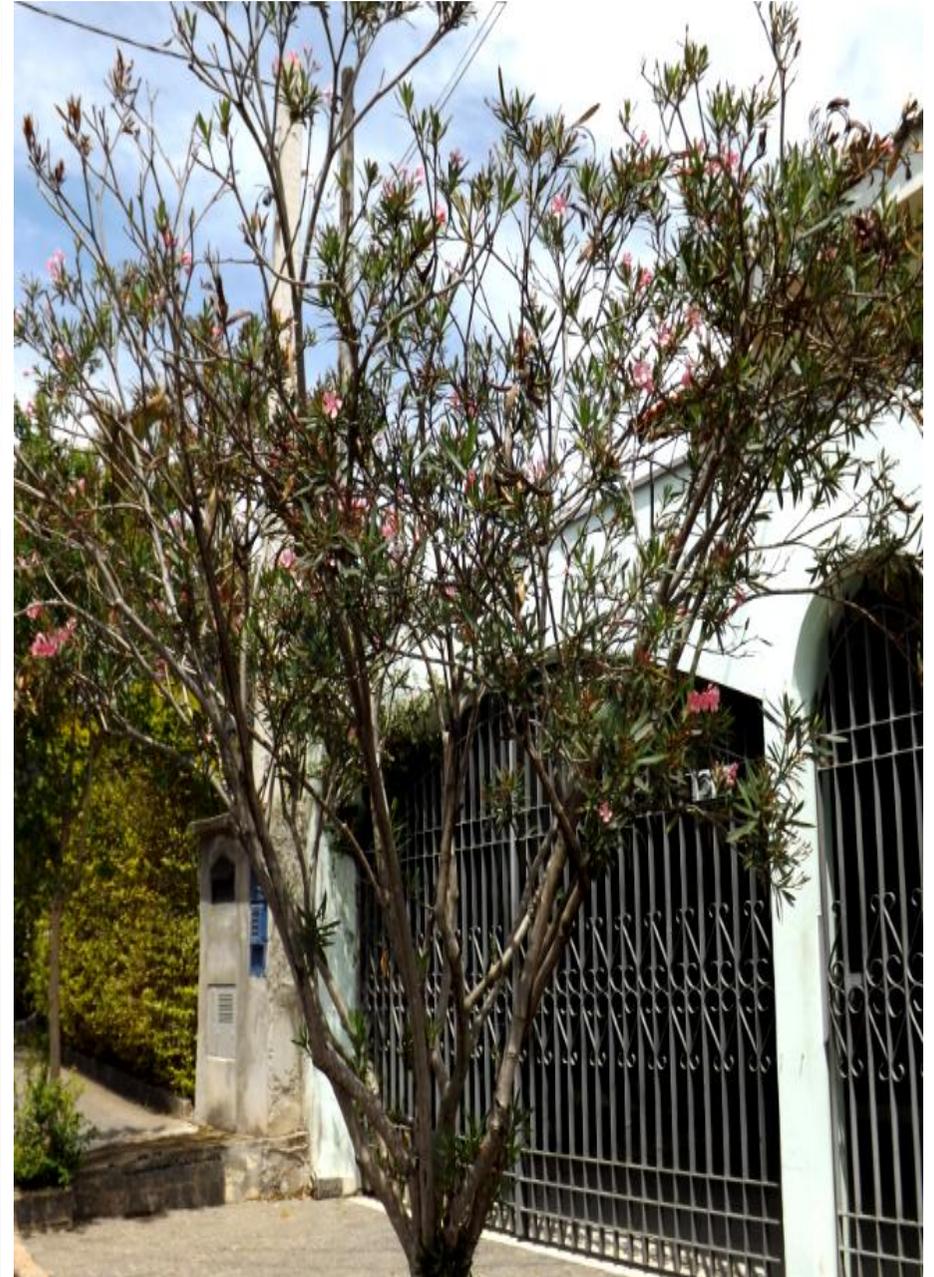
A flor de ovo é uma árvore que pode atingir um porte entre 4 m e 8 m. É frequentemente utilizada por paisagistas, pois permite um magnífico efeito ornamental. Os seus caules são grossos e lisos, de cor cinzenta ou bronzeada e formato escultural. As folhas são grandes, largas e brilhantes, nascem nas extremidades dos ramos e caem entre o outono e o inverno. As suas flores formam grandes inflorescências terminais, e são de cor rosa ou vermelha, havendo variantes brancas e amareladas, com fragrância adocicada (RODRIGUES, 2011).



OLEANDRO, ESPIRRADEIRA, LOUREIRO ROSA

Nerium oleander L.

Um dos arbustos mais cultivados para o embelezamento público, a espirradeira pode ser observada em muitas avenidas e parques. Apresenta atualmente diversas variedades, com flores brancas, amarelas, rosas e vermelhas; dobradas ou simples. É uma planta muito rústica, ramificada e com folhas lanceoladas de coloração verde escura, com o verso mais claro. Por ser muito tóxica, deve ser manipulada com luvas e com muito cuidado, além de ter de ficar longe do alcance de crianças pequenas e cachorros. Pode ser plantada isoladamente ou em grupos, separando áreas no jardim (PATRO, 2013).



Família
PUNICACEAE



Romãzeira

ROMÃZEIRA

Punica granatum L.

A Romãzeira é uma arvoreta que atinge de 2 a 5 m, de tronco acinzentado e ramos avermelhados quando novos. A romãzeira adapta-se desde os climas tropicais e subtropicais aos temperados e mediterrâneos. As flores da romãzeira são vermelho-alaranjadas e simples, ocorrendo variedades de flores dobradas como a “Legrellei”. Os frutos são esféricos, com casca coriácea e grossa, amarela ou avermelhada manchada de escuro. O seu interior é composto de muitas sementes, cobertas por um tegumento espesso, polposo de cor rósea ou avermelhado, de sabor ácido e doce. É esta polpa que envolve as sementes a parte comestível do fruto (PATRO, 2013).



Família
ERICACEAE

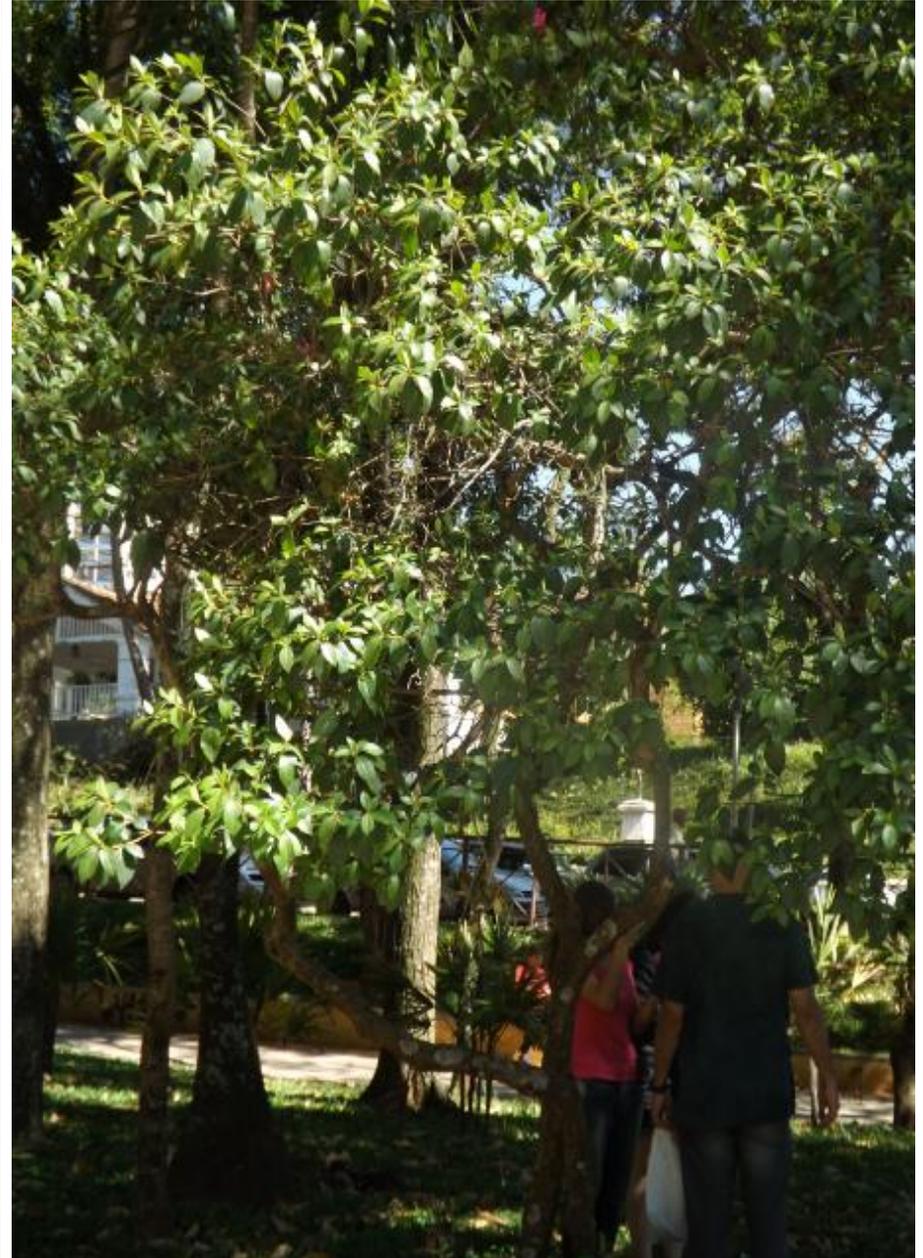


Azaleia

AZALEIA

Rhododendron indicum Sweet

As azaléias são arbustos de folhagem verde-escura e floração abundante. Suas flores simples ou dobradas podem ter cores diferentes (brancas, rosadas, vermelhas ou mescladas). Há muitas variedades com portes diferentes, também: umas menores, para plantio em vasos e para formação de maciços, e outras, maiores, capazes de formar cercas vivas. É uma planta muito utilizada, também, para a técnica milenar do bonsai. As azaleias são plantas originárias da Ásia central (China e Mongólia) e foram difundidas pelo mundo todo como plantas ornamentais de grande beleza (PATRO, 2013).



Família
ARALIACEAE

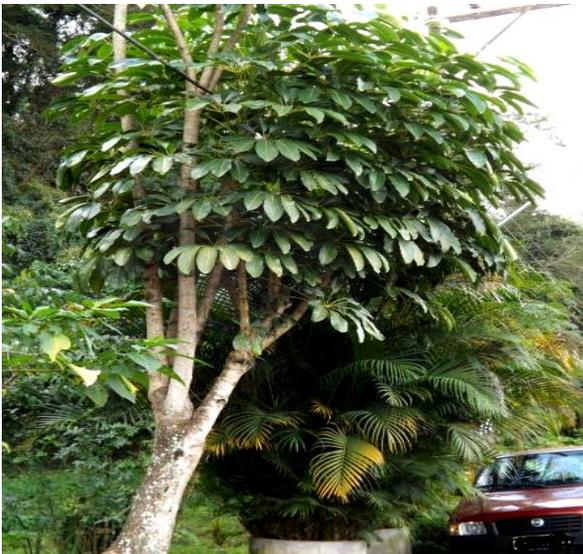


Xeflera

XEFLERA

Schefflera arboricola (Hayata) Kanehira

A xeflera é uma espécie arbustiva que facilmente chega ao porte de árvore, de folhas separadas em oito folíolos, verdes e brilhantes. A variedade variegada apresenta tonalidade verde e amarela. Planta muito rústica e pouco exigente, que pode ser utilizada isolada em vasos ou em grupos como maciços ou cercas vivas, com topiária ou não, separando áreas no jardim (PATRO, 2013).



Família
COMBRETACEAE



Amendoeira, chapéu de sol, sete-copas, cuca

AMENDOEIRA, CHAPÉU DE SOL, SETE-COPAS, CUCA

Terminalia catappa L.

O chapéu-de-sol é uma árvore decídua e tropical, que se encontra disseminada no mundo todo e é apreciada seja por suas qualidades ornamentais, úteis, medicinais ou alimentares. Ela apresenta caule ereto, que cresce de 12 a 35 metros de altura e casca pardacenta, áspera e fissurada. Sua copa é incomum, formada por uma ramagem horizontal, agrupada a espaços regulares no tronco. As folhas são coriáceas, caducas, alternas, grandes, com forma ovalada e cor verde, que gradativamente muda para o amarelo e vermelho no outono, antes de cair. Cada fruto contém uma semente dura, com amêndoa comestível e muito apreciada na culinária da Índia (PATRO, 2013).



Família
MELASTOMATACEAE



Quaresmeira roxa
Manacá da serra anão

MANACÁ DA SERRA ANÃO

Tibouchina mutabilis Cogn.

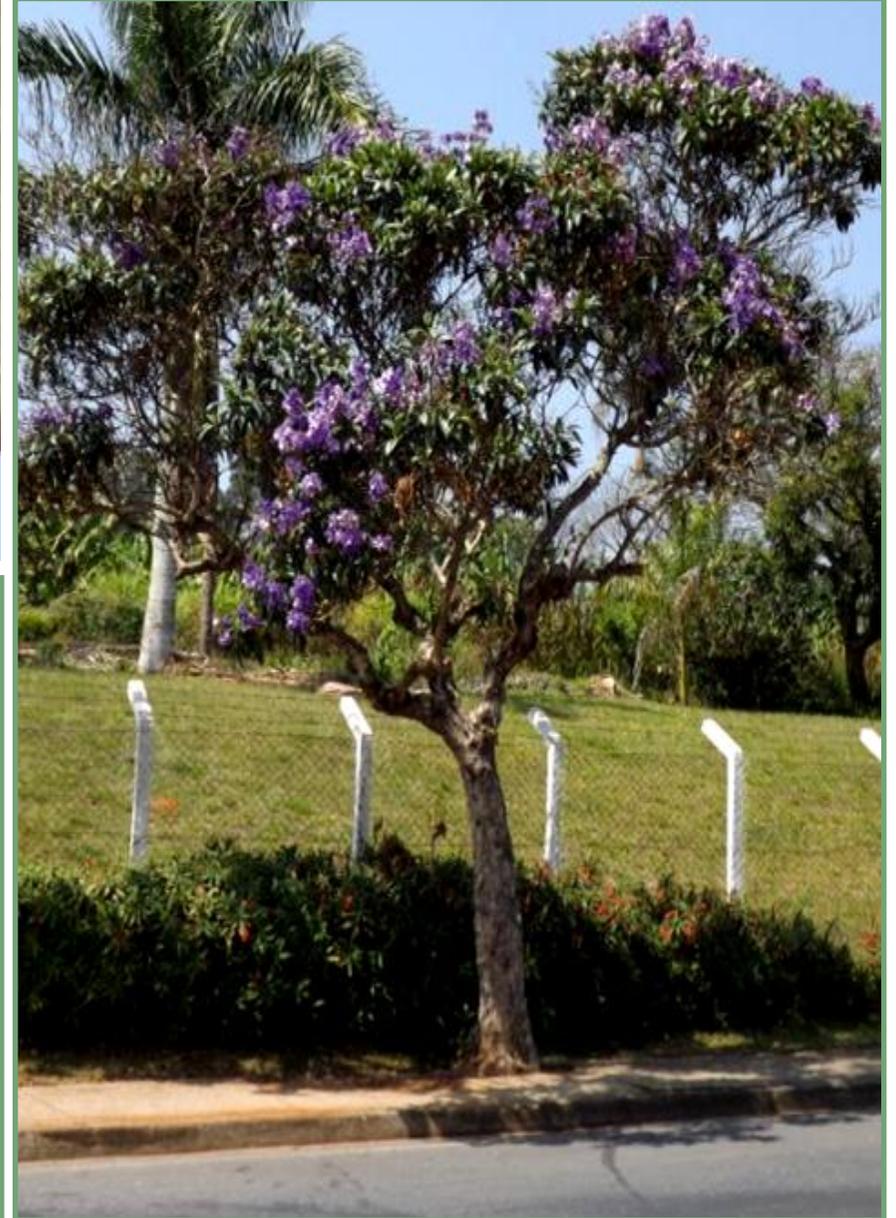
O manacá da serra anão é uma árvore semidecídua nativa do bioma atlântico que se popularizou rapidamente no paisagismo devido ao seu florescimento espetacular. Tem baixo a médio porte, atingindo de 6 a 12 m de altura e aprox. 25 cm de diâmetro de tronco. As folhas são lanceoladas, pilosas, verde-escuras e com nervuras longitudinais paralelas. As flores apresentam-se solitárias e são grandes, vistosas e duráveis (PATRO, 2013).



QUARESMEIRA ROXA

Tibouchina granulosa Cogn. ex Britton

A quaresmeira roxa é uma árvore de beleza notável, que encanta por sua elegância e exuberante floração. Seu porte geralmente é pequeno a médio, podendo atingir de 8 a 12 metros de altura. O tronco pode ser simples ou múltiplo, com diâmetro de 30 a 40 cm. As folhas são simples, elípticas, pubescentes, coriáceas, com nervuras longitudinais bem marcadas e margens inteiras. A floração ocorre duas vezes por ano, no outono e na primavera, despontando abundantes flores pentâmeras. O fruto é pequeno, indeiscente e marrom (PATRO, 2013).





Referências

ALMEIDA, D. N. Análise da Arborização Urbana de cidades da região norte do estado do Mato Grosso. *Revista Árvore*, Viçosa - MG, v. 34, n. 5, 2010. Disponível em: <<http://tinyurl.com/k2t3lm>>; acesso em: 23 mar. 2014.

ALVES, A., 2011. *Prunus cerasus*. Disponível em: <<http://naturdata.com/Prunus-cerasus-3536.htm>>; acesso em: 21 abr. 2014.

BAITELLO, J. B., 2013. *A importância das Lauraceae na mata atlântica brasileira*. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/pesquisaambiental/pesquisas/a-importancia-das-lauraceae-na-mata-atlantica-brasileira/>>; acesso em: 20 mar. 2014.

BARROS, E. F. S.; GUILHERME, F. A. G.; CARVALHO, R. S. Arborização urbana em quadras de diferentes padrões construtivos na cidade de Jataí. *Revista Árvore*, Viçosa - MG, v. 34, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://tinyurl.com/mnlwpyq>>; acesso em 28 mar. 2014.

BILL, L. C., 2013. *Jaca (Artocarpus heterophyllus)*. Disponível em: <<http://www.focadoemvoce.com/noticias/jaca-artocarpus-heterophyllus/>>; acesso em: 21 abr. 2014.

BLUM, C. T.; BORGIO, M.; SAMPAIO, A. C. F. Espécies exóticas invasoras na arborização de vias públicas de Maringá, PR. *Revista SBAU*, Piracicaba - SP, v. 2, n. 3, p.78-97, 2008.

CARDIM, R., 2012. *Inga, árvore que habitou as extintas matas ciliares dos rios paulistanos*. Disponível em: <<http://arvoresdesaopaulo.wordpress.com/2012/01/26/inga-arvore-que-habitou-as-extintas-matas-ciliares-dos-rios-paulistanos/>>; acesso em: 21

abr. 2014.

CARVALHO, P. E. R., 2011. *Árvore do conhecimento: Espécies Arbóreas Brasileiras*. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/especies_arboreas_brasileiras/arvore/CONT000fu18ojjh02wyiv807nyi6sk6o66gp.html>; acesso em: 21 abr. 2014.

EITERER, M., 2013. *Magnólia amarela: Magnolia champaca*. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/flora:magnolia-amarela>>; acesso em: 21 abr. 2014.

FERRAZ, K. D. I.; CAMARGO, C. L. J.; SAMPAIO, B. P. T., 2003. *Andiroba: manual de sementes da Amazônia*. Disponível em: <http://https://www.inpa.gov.br/sementes/manuais/fasciculo1_carapa.pdf>; acesso em: 18 abr. 2014.

FLORESTAS NATIVAS, 2013. *Figueira-branca*. Disponível em: <<http://www.florestasnativas.com.br/FIGUEIRA-BRANCA>>; acesso em: 20 mar. 2014.

GONÇALVES, W.; PAIVA, H. N. *Árvores para ambiente urbano*. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2004 (Coleção Jardinagem e Paisagismo, v. 2).

GOOGLE, 2014. *Google Maps Area Calculator Tool*. Disponível em: <<http://goo.gl/COvTAj>>; acesso em: 25 mai. 2014.

GUEDES, E., 2005. *Caracterização ambiental e urbanística: ambiente urbano, planejamento e projetos*. Prefeitura da Estância Turística de São Roque. Disponível em <<http://tinyurl.com/nntgb88>>; acesso em: 25 mai. 2014.

HUDSON, M., 2006. *Cordyline australis*. Disponível em: <http://www.canterburynature.org/species/lincoln_essays/cabbagetree.php>; acesso em: 21 abr. 2014.

IBF - INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS, 2013. *Cedro cheiroso*. Disponível em: <<http://ibflorestas.org.br/loja/mudas/muda-40a60-cedro-do-brejo.html>>; acesso em: 18 abr. 2014.

IBGE, 2014. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <<http://tinyurl.com/pwmyaq2>>; acesso em: 15 set. 2014.

LONGHI, S. J., 2011. *Herbário florestal: Plátano*. Santa Maria - RS. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/herbarioflorestal/especie_detalhes.php?nome_filtrado=platanos>; acesso em: 20 mar. 2014.

LORENZI, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2009 (3 vol).

LORENZI, H. *et al. Árvores Exóticas no Brasil: madeireiras, ornamentais e aromáticas*. Brasil: Instituto Plantarum, 2003.

MACHADO, R. R. B.; MEUNIER, I. M. J.; SILVA, J. A. A.; CASTRO, A. A. J. F. Árvores nativas para arborização de Teresina, Piauí. *Revista Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, Piracicaba, v. 1, n. 1, 10-18, 2006.

MILANO, M, S. Avaliação quali-quantitativa de manejo da arborização urbana: exemplo de Maringá. *Tese (Doutorado em Ciências Florestais)*. Curitiba, PR: Universidade do Paraná, 1988.

MING, L. C.; GAUDÊNCIO, P.; SANTOS, V. P. *Plantas Mediciniais: Uso Popular na Reserva Extrativista "Chico Mendes"*, Acre. Botucatu: CEPLAN/UNESP, 1997.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2014. *Espécies Exóticas Invasoras: Situação Brasileira*. Brasília (Secretaria de Biodiversidade e Florestas). Disponível em: <<http://migre.me/loZq1>>; acesso em: 24 ago. 2014.

NATIONAL ARBORISTS, 2013. *Sitka spruce tree*. Disponível em: <http://https://www.natlarb.com/html/sitka_spruce_tree.html>; acesso em: 20 mar. 2014.

NIX, S., 2014. *Cabbage palm, a symbolic tree of the south*. Disponível em: <http://forestry.about.com/od/treeidentification/ss/Sabal_Palm.htm>; acesso em: 20 mar. 2014.

PAIVA, H. N.; GONÇALVES, W. *Florestas urbanas: planejamento para melhoria da qualidade de vida*. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002.

PATRO, R., 2013. *Jardineiro.net*. Disponível em: <<http://www.jardineiro.net/>>; acesso em: 21 abr. 2014.

RODRIGUES, M., 2011. *Plumeria*. Disponível em: <<http://algarve-saibamais.blogspot.com.br/2011/06/jasmim-manga-plumeria-rubra.html>>; acesso em: 21 abr. 2014.

SILVA, D. F. *et al.* Banco Relacional para Cadastro, Avaliação e Manejo da Arborização em Vias Públicas. *Revista Árvore*, v. 26, n. 5, 629-612, 2002.

STUMPF, M., 2013. *Pata de vaca (Bauhinia variegata)*. Disponível em: <<http://www.fazfacil.com.br/jardim/pata-de-vaca/>>; acesso em: 21 abr. 2014.

VILELA, H., 2013. *Série leguminosas tropicais*. Disponível em: <http://www.agronomia.com.br/conteudo/artigos/artigos_leguminosas_tropicais_leucaena.htm>; acesso em: 21 abr. 2014.

VADER, J. *Red Cedar: The Tree of Australia's History*. Sidnei, Austrália: Reed, 1987.